

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MICHELE MARTEN DE LIMA

**FRONTEIRINHAS: UM CONVITE A NOVAS EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO
FORA DA SALA DE AULA**

PORTO ALEGRE

2024

MICHELE MARTEN DE LIMA

Fronteiras: Um convite a novas experiências na Educação fora da sala de aula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Lima, Michele Marten de
Fronteiras: Um convite a novas experiências na
Educação fora da sala de aula / Michele Marten de
Lima. -- 2024.
62 f.
Orientador: Nelson Rego.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. Geografia. 2. Educação não convencional. 3.
Projeto Fronteiras Educação. 4. Experiência
educacional. I. Rego, Nelson, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Nunca entendi por qual motivo a parte dos agradecimentos foi colocada no início das produções, afinal, quem estiver realmente interessado em ler o que foi escrito nas páginas que sucedem, vai direto para o sumário. Mas aqui vamos nós, seguir o rito necessário e de acordo com as normas.

Creio que não seria possível iniciar essa seção que não pela família. Aquela ao qual vim relacionada, que me reconheço como parte não apenas biológica, mas do coração também.

É mais do que justo agradecer, em primeiro lugar, aos meus pais, Jane e Joel, já que me ensinaram as primeiras “coisas” que aprendi: a falar, a respeitar e a me dedicar. Meus maiores incentivadores, acreditam em mim quando eu falho nessa árdua missão. Meus irmãos, Gabriel e Elen, por serem exemplos tão próximos e agradáveis, a verdade é que em nossa criação, pouco discutimos ou brigamos, fomos, na maior parte do tempo, e somos grandes companheiros. Em especial, preciso agradecer a Elen pelos conselhos, mas principalmente, pelas demonstrações. Minha irmã mais velha é uma mulher forte e determinada, mas que nunca perdeu a leveza, Engenheira Cartógrafa, e Mestre pela UFRGS, foi e continua sendo meu melhor espelho.

Ainda no âmbito familiar, seria de uma injustiça grandiosa não mencionar meu noivo e companheiro Guilherme. Há seis anos compartilhamos anseios, desejos e planos, e mesmo frente às maiores dificuldades que vivi, permaneceu e permanece ao meu lado, sem uma vírgula de hesitação. Formando na Engenharia Metalúrgica, o Gui me trouxe serenidade e foco, é daqueles clichês em que encontramos no outro exatamente aquilo que nos falta.

Dedico este trabalho ao Chico, hoje grande amigo, mas antes (conforme verão ao longo das páginas), estimado colega de trabalho. Sem o Chico, esse trabalho não existiria e eu não teria sido professora, ou seja, eu não seria eu.

Não poderia deixar de citar e agradecer aos meus guias espirituais, aqueles que me acompanham dia e noite, em sonhos e acordada. *Kawó-Kabiyesilé*, Pai Xangô; *Yèyé* minha Mãe Oxum; *Ògún ieé*, meu Pai Ogum!

Sem esquecer de agradecer, em caráter muito especial, a três pessoas que entraram de cabeça em minha vida, e eu, na vida delas, na metade de 2022: Anderson, Ana e Anelise. Esses três são responsáveis por todo o encorajamento e

acolhimento que recebo, diariamente, no Colégio Estadual Érico Veríssimo. É como se nos conhecêssemos há milênios, tamanha a troca que acontece desde ideias sobre aulas até filosofias e enfrentamentos de vida. É raro, mas aconteceu: colegas que se tornaram verdadeiros amigos.

Aos meus queridos amigos, todos aqueles que me acompanharam e ainda acompanham pela vida, de perto ou de longe. Ao Roger o meu mais honesto “obrigada” pelo auxílio e apoio infundáveis, tão pacienciosos quanto as minhas primeiras aulas sobre fusos horários no sexto ano. Ao Neemias, pelo companheirismo remoto, de longe, mas sempre presente, entramos juntos na graduação, saímos dela diretamente para o Mestrado, e agora findamos mais uma etapa em conjunto, obrigada por torcer e ajudar também com as datas.

Agradeço aos estudantes que me acompanham, apoiam e vibram com mais essa conquista. Sempre pensei que o Mestrado seria para mim, mas hoje percebo que foi para e por eles.

Impossível não mencionar as equipes de ambas as instituições de ensino onde atuo como professora de geografia: Colégio Estadual Érico Veríssimo e Colégio João XXIII. Mesmo localizadas em extremos na cidade e na sociedade, exercem seus papéis com maestria. Obrigada pela compreensão com relação a algumas entregas fora do prazo.

Meu mais honesto agradecimento ao meu incansável orientador, Professor Nelson, por todos os conselhos, por todas as escutas, por acreditar em mim e nesta proposta de trabalho. A professora que luto para me tornar muito tem a ver com a sua maneira de docenciar.

Por fim, perdoem-me o clichê, de maneira alguma, não menos importante, agradeço à banca avaliadora pela paciência em ler alguns devaneios (mas que estão postos por sólidos motivos) e pelo compromisso compartilhado com a educação.

EPÍGRAFE

“Aprendia que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas. Meu pai olhava para mim e dizia: “O vento não sopra, ele é a própria viração”. E tudo aquilo fazia sentido. “Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta não tem vida”, ele tentava me ensinar.”

(Junior, Itamar Vieira; Torto Arado, 2018)

RESUMO

A dissertação tem por finalidade compreender o projeto Fronteiras Educação, ou Fronteirinhas, apelido carinhoso, como uma iniciativa de ensino e educação extraescolares, através de sua intencionalidade e formato, que anda de mãos dadas com a ideia de cidadania, partindo de uma perspectiva experiencial alternativa. As salas de aula convencionais, que dispõem de classes e quadros de giz ou caneta e, agora, também se apresentam nas telas dos computadores ou nos celulares, têm se mostrado por muitas vezes desinteressantes para os estudantes e, mesmo, para os professores. Diante da busca incessante que os professores imprimem no momento de estruturar planos de aula e da ideia, muitas vezes distante, de cumprir no tempo pré-determinado o “conteúdo” programado, da falta de interesse, ou de estímulo, dos alunos, dentre tantos outros desafios com os quais os professores precisam lidar em seu cotidiano, fica a pergunta: o que os alunos aprendem e apreendem? A partir desse quadro, reflete-se sobre a importância de iniciativas que ofereçam, através de educação não convencional, responsável pela disseminação do conhecimento, novas experiências, onde os alunos tenham a oportunidade de refletir sobre a sua existência e se enxerguem cidadãos, como participantes do todo e agentes de transformação.

Palavras-chave: Geografia; Educação não convencional; Projeto Fronteiras Educação; Experiência educacional.

ABSTRACT

This dissertation aims at understanding the Fronteiras Educação project, or Fronteirinhas, as it is affectionately known, as an out-of-school teaching and education initiative, through its intentionality and format, which goes hand in hand with the idea of citizenship, starting from an alternative experiential perspective. Conventional classrooms, with boards, both chalk and pen, paper, and now also computer screens and cell phones, have often proved uninteresting for students and even teachers. Given the relentless pursuit that teachers undertake when structuring lesson plans and the often-distant idea of covering the "content" within the predetermined time frame, along with the lack of interest or motivation from students, among many other challenges that teachers face in their daily lives, the question arises: what do students actually learn and grasp? From this context, one reflects on the importance of initiatives that provide, through unconventional education responsible for disseminating knowledge, new experiences where students have the opportunity to reflect on their existence and see themselves as citizens, participants in the whole, and agents of transformation.

Keywords: Geography; Unconventional education; Fronteiras Educação Project; Educational experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mediador Fabrício Carpinejar na plateia do Fronteirinhas no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre.....	10
Figura 2 – Palco do Fronteirinhas no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre.	11
Figura 3 – Palco do Fronteirinhas com a presença de Mia Couto e Jane Tutikian no Auditório Araújo Viana, em Porto Alegre.	12
Figura 4 – Plateia do aulão sobre o continente africano no Auditório Araújo Viana, em Porto Alegre.....	13
Figura 5 – Grupo de estudantes do Colégio Estadual Piratini conhecendo o estúdio de uma das rádios que eles mais ouviam. Porto Alegre/RS.....	16
Figura 6 – Participação da Orquestra Vira-Lata no Fronteirinhas no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre.....	19
Figura 7 – Capa do fascículo Justiça, Tolerância e Igualdade.....	20
Figura 8 – Capa do fascículo Os refugiados e as fronteiras.....	20
Figura 9 – Aulão realizado na UNIBES, em São Paulo.....	33
Figura 10 – Aulão realizado na Livraria Cultura, no shopping JK Iguatemi, em São Paulo, onde o Chico foi o mediador.....	34
Figura 11 – Outro ângulo do aulão, mostrando o fascículo, realizado na Livraria Cultura, no shopping JK Iguatemi, em São Paulo.....	34
Figura 12 – Grupo de estudantes do Colégio Estadual Piratini que participou do treinamento com os profissionais da RBS, acompanhados pela professora. Porto Alegre/RS.....	35
Figura 13 – História do Quilombo Família Lemos apresentada por Sandro Lemos e a Prof ^a . Cláudia Pires, no último dia do Seminário de Humanas do Colégio João XXIII. Porto Alegre/RS.....	43
Figura 14 – Alunos mostrando a capa do fascículo sobre Tolerância, Justiça e Igualdade.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
COPEL	COMPANHIA PETROQUÍMICA DO SUL S.A.
EJA	ENSINO DE JOVENS E ADULTOS
FACED	FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GPS	SISTEMA DE POSICIONAMENTO GLOBAL
IFCH	INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PPGGEO	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOCIÊNCIAS
RBS	REDE BRASIL SUL
SEMESP	SINDICATO DAS MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR
SINPRO	SINDICATO DOS PROFESSORES DO ENSINO PRIVADO DO RS
SMED	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
UFRGS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIBES	UNIÃO BRASILEIRO ISRAELITA DO BEM ESTAR SOCIAL

SUMÁRIO

1. APRESENTANDO O FRONTEIRAS.....	06
2. MINHA EXPERIÊNCIA NO FRONTEIRINHAS.....	13
3. O “COMO”, “QUANDO” E “ONDE” DESTE PROJETO.....	21
4. O FRONTEIRINHAS E A GEOGRAFIA.....	37
5. CONSIDERAÇÕES (IM)POSSÍVEIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXO A.....	55

1. APRESENTANDO O FRONTEIRAS

Queixas, teorias e opiniões desqualificadas, eu definiria o processo educativo atual a partir dessa tríade. Por todos os lados, vemos pais e mães atacando os professores, alunos com o rosto enfiado no celular, pessoas que nunca colocaram os pés em uma escola desenvolvendo conteúdos sobre educação, e ainda sendo aplaudidas, é com isso que nós, educadores, precisamos lidar, além de todo o resto: prazos, planejamentos, desenvolvimento de atividades, correções, gritos e frustrações.

Este poderia ser mais um trabalho que analisa e constata o quão difícil é a vida de um educador, mas tenho apenas pouco mais de quatro anos em sala de aula e tampouco tenho essa pretensão; quero ver além. Essa última palavra define muito bem o que penso sobre a educação e o seu processo, já que por certa definição, a educação seria descrita como ““tirar para fora” o que já existe na natureza do indivíduo” (LIBÂNEO, 1992), logo faz sentido enxergar tantas pessoas apaixonadas por esse processo, animadas, dedicadas, encantadas. Penso que educar é muito parecido com semear, quando estamos em sala de aula, trabalhando as habilidades de determinado objeto de conhecimento, estamos plantando, nas conversas e trocas, regamos, e quando percebemos aquele aluno pensando por si mesmo, analisando, refletindo, estamos diante de uma bela e vigorosa árvore em desenvolvimento.

Mas não é somente na sala de aula que a sementeira acontece. Pode acontecer em qualquer local, espaço, região ou lugar. Iniciativas que pensem a educação além da sala de aula são necessárias e urgentes, pois como uma educadora que está em sala de aula, por mais de 50 horas semanais, posso afirmar: não há tempo para regarmos todas as nossas sementes.

Dito isto, este trabalho tem por definição e como objetivo compreender o Fronteirinhas como uma iniciativa de disseminação do conhecimento e, conseqüentemente, de uma prática de educação não convencional como uma forma de proporcionar novas experiências aos estudantes fora da sala de aula. Ainda, no cerne de suas intenções, analisar a bibliografia relacionada à educação extraclasse, bem como apresentar a relevância que o projeto teve para a educação a partir de minhas vivências na produção e curadoria do Fronteirinhas.

Mas não será possível falar sobre o Fronteiras, sem antes mencionar o Fronteiras do Pensamento, fenômeno cultural que iniciou na capital do Rio Grande do Sul, e chegou até o Nordeste.

O Fronteiras do Pensamento surgiu em 2007 como uma ideia da Telos (uma empresa de empreendimentos culturais gaúcha) de curso de extensão, a partir de uma proposta do então diretor da Copesul, Luiz Fernando Cirne Lima, através de uma provocação aos sócios da Telos: criar o maior evento cultural já presenciado em Porto Alegre. Para além dos patrocínios, “o maior evento cultural já presenciado em Porto Alegre” contou, também, com a parceria da UFRGS, onde ocorreriam as conferências e emissão do certificado do curso de extensão para os participantes. A modalidade de curso de extensão se manteve até a edição de 2013, e para garantir a participação, a pessoa interessada deveria adquirir o passaporte que dava acesso a todas as conferências da temporada. Para garantir o certificado, seria necessária a presença em ao menos sete das dez conferências, e a aquisição de ingressos avulsos por conferência não era oferecida. A partir de 2014, deixou de existir a emissão do certificado de participação, pois o Fronteiras não mais configurava como um curso de extensão, mas quem quisesse assistir a uma ou duas conferências, ainda precisava adquirir o pacote de ingressos, e foi somente na metade de 2018 que a venda de ingressos individuais foi disponibilizada.

Com relação ao público do Fronteiras, foi interessante perceber a mudança. Trabalhei na equipe de 2011 a 2014, retornando em 2017 e saindo permanentemente em 2020, portanto, fui testemunha e agente de muitos acontecimentos. De início, o público era bem específico, como as próprias palavras do Francisco (meu entrevistado neste trabalho) podem confirmar: senhores e senhoras, em sua imensa maioria, acima de 60 anos, extremamente interessados em refletir sobre suas concepções, muitas vezes, sobre suas próprias carreiras, já que grande parte desse público ocupava cargos de liderança. Além disso, médicos e professores universitários também despontavam como profissões presentes. Qual não foi a nossa surpresa quando um levantamento realizado para conhecer o público nos revelou que mais de 70% tinha pós-graduação, e aqui vai um paralelo interessante: de acordo com uma pesquisa apresentada em 2021 pelo Instituto SEMESP, menos de 5% da população brasileira realizou algum curso de Pós-Graduação Lato Sensu, e o número cai para 0,7% quando se fala em Mestrado. Ou seja, podemos dizer que o público do Fronteiras é realmente específico. E com o

passar dos anos, um número cada vez maior de pessoas mais jovens foi se interessando pelo projeto, mas sem fugir muito da questão relacionada ao estrato social, neste caso, composto em sua grande maioria por pessoas com maior poder aquisitivo e que vivem nos bairros com a melhor infraestrutura que Porto Alegre oferece.

Mas nem só de pagantes se fez a plateia do Fronteiras, já que o aumento de parcerias também foi significativo, e claro, cada patrocinador e parceiro, tinha direito a uma cota de convidados por conferência, inclusive nós da equipe (consegui levar em uma conferência os colegas da disciplina de Geografias Descoloniais, ministrada pela Professora Dorfman). Então funcionava da seguinte maneira: os nomes dos convidados das empresas, instituições ou órgãos, eram encaminhados por e-mail e eu os incluía na lista de convidados, e realizava a conferência dos nomes e quantidades de ingressos na Central de Relacionamento, onde os convidados eram orientados a se dirigirem. Trabalhar com o público é sempre difícil, sabemos, mas lidar (sim, essa é a palavra) com determinados públicos é muito pior, imaginem a quantidade de saias-justas a que me submeti devido à função, fosse quando eu não encontrasse o nome daquela ilustre pessoa em questão na lista, ou quando o nome listado teria direito a um convite, mas como ele deixaria seu amigo/namorado/colega do lado de fora? Enfim, aqui resumi muito dos perrengues passados, mas história de bastidor sempre é bacana, não é?

Além do Fronteiras, a Telos produzia outros eventos culturais, mas foi a partir do patrocínio de grandes empresas, como a Braskem, que foi possível desenvolver o Fronteiras como é atualmente. Já em 2015, a Telos firmou sociedade com o Grupo RBS, onde o Fronteiras foi produzido até o final de 2020. Em 2021, o projeto passou a ser produzido pela Delos, que pertence ao DC Set Group, permanecendo dessa maneira até a atualidade.

A partir da definição do tema da temporada, eram pensados os nomes dos conferencistas que seriam convidados, justamente para que existisse coesão, mas também diferentes pontos de vista e áreas do conhecimento. Na primeira edição, foram realizadas mais de vinte conferências, mas o número de encontros foi diminuindo, até ficar estabelecido um total de oito conferências por temporada.

Além de Porto Alegre, o Fronteiras realizou e ainda realiza conferências em São Paulo e Salvador. Nesta última cidade, o formato é diferente, contando com um número reduzido de conferências. Para ter acesso à programação completa, é

necessário adquirir ingressos, com um valor bastante alto, justificado pela relevância dos nomes apresentados e seus cachês pouco acessíveis. O projeto conta com o patrocínio de empresas do setor privado. Atualmente, o Fronteiras disponibiliza conferências no formato presencial e remoto.

Junto do Fronteiras do Pensamento, caminha o Fronteiras Educação, uma derivação do primeiro, que foi pensado em parceria com a Pró-Reitora de Extensão da UFRGS, Prof. Dra. Sandra de Deus, com o intuito de levar os temas das temporadas do Fronteiras para outros públicos, em específico, o do ensino básico. De início, a ideia seria atender somente ao Ensino Médio, mas com a celebração da parceria com a SMED de Porto Alegre, foi consagrada a inclusão do Ensino Fundamental II. O Fronteiras Educação foi realizado de 2010 a 2015 com o patrocínio da Petrobras em parceria institucional com a SMED de Porto Alegre e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir de 2016 e até 2019, a Braskem passou a ser a patrocinadora oficial no lugar da Petrobras, seguindo a parceria com as instituições citadas. O Fronteirinhas é derivado do Fronteiras do Pensamento, um projeto que “promove conferências internacionais e desenvolve conteúdos múltiplos com pensadores, artistas, cientistas e líderes em seus campos de atuação.” (FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, 2020), sendo o Fronteirinhas o núcleo educacional do Fronteiras do Pensamento, onde os mesmos conteúdos são traduzidos e redigidos em uma linguagem acessível aos estudantes do ensino básico.

De forma material, o Fronteirinhas é representado pelo fascículo produzido a partir dos conteúdos selecionados pela curadoria e que tem relação com o cotidiano, ou seja, temáticas que dizem respeito a vida das pessoas: cidadania, tolerância, justiça social, sustentabilidade, etc. O fascículo é entregue a todas as pessoas que participam do encontro que, assim como o Fronteiras do Pensamento, acontecia no Salão de Atos da UFRGS. A entrada do Fronteirinhas é aberta ao público e gratuita, porém, devido à limitação de cadeiras no Salão de Atos, as escolas públicas tinham preferência no acesso, mediante inscrição. Além do fascículo, é ofertada aos estudantes uma grande aula, onde contamos com a presença de um professor mediador e outro especialista no tema, que se movimentam pelo palco. Na plateia, está presente, circulando entre o público, o apresentador, normalmente uma figura pública e com relevância para a faixa etária, e que cede o microfone aos estudantes para que possam contribuir. Cabe ressaltar que ao longo da existência do Fronteiras

do Pensamento, mais de dez anos, estima-se que foram impactadas mais de 170 mil pessoas, configurando-se, assim como o Fronteirinhas, uma prática de educação não convencional e uma experiência diferenciada. Já o alcance do Fronteirinhas, que conta com menos edições e com um público mais específico, é estimado em 35 mil pessoas.

Devido à pandemia de Covid-19, a temporada de 2020 do Fronteiras do Pensamento aconteceu apenas de maneira virtual, no formato de videoconferências, e o Fronteirinhas não aconteceu desde então em Porto Alegre, somente em São Paulo, em 2022.

Os temas do Fronteirinhas sempre acompanharam as temporadas do Fronteiras, mas todo o material desenvolvido para o público do Fronteiras Educação apresenta uma linguagem e identidade visual apropriados à idade dos alunos matriculados entre o sexto ano do ensino fundamental II até o terceiro ano do ensino médio.

Figura 1 – Mediador Fabrício Carpinejar na plateia do Fronteirinhas no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

Na organização dos eventos, sempre foi pensado em um mediador que cativasse a plateia composta por pré-adolescentes e os próprios adolescentes, e durante

muitas edições, esse papel foi cumprido pelo jornalista e escritor, Fabrício Carpinejar. Nas edições seguintes, estiveram presentes como mediadores os comunicadores e apresentadores de rádios gaúchas, aquelas ouvidas pelo público dessa faixa etária.

As escolas solicitavam a inscrição através do contato da produção, tarefa que realizei por muitos anos, de 2011 até 2014, retornando em 2017 e permanecendo até o ano de 2020. Na chegada ao evento, professores e alunos recebiam os fascículos e já se dirigiam à plateia do Salão de Atos da UFRGS, onde aconteceria a grande aula.

Além da presença do mediador, todos os encontros contavam também com a presença de Joana Bosak, Professora do Departamento de Artes da UFRGS, e também com um convidado especialista na área de relação com a temática proposta.

As temáticas quase sempre eram voltadas a questão ambiental devido a cláusulas impostas em contrato, mas os profissionais envolvidos desde a organização dos aulões até a produção do fascículo eram escolhidos pela própria equipe do Fronteirinhas. Os consultores dos fascículos e os professores convidados, em sua maioria, foram indicados pela rede de contatos da equipe do Fronteiras, principalmente do Francisco, que mantinha contato direto com professores da UFRGS e de outras importantes instituições de ensino.

Figura 2 – Palco do Fronteirinhas no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

Dentre as temáticas apresentadas no Fronteirinhas estão assuntos atuais, que são discutidos em diversas esferas da sociedade, assim como nas temporadas do Fronteiras do Pensamento, como tolerância, igualdade, cidadania, mobilidade urbana, sustentabilidade, ciência, direitos humanos, tecnologia, democracia, a questão dos refugiados e o continente africano.

A aula deste último tema contou com uma presença muito especial: Mia Couto, romancista moçambicano. Em novembro de 2012, Mia falou para três mil alunos da rede pública de ensino básico da região metropolitana, sendo o maior Fronteirinhas, em questão de público, que o projeto realizou até o momento. Além de Mia, estava presente também a Professora do Departamento de Letras da UFRGS e escritora Jane Tutikian. Mediando da plateia, estavam Fabricio Carpinejar e Joana Bosak.

Figura 3 – Palco do Fronteirinhas com a presença de Mia Couto e Jane Tutikian no Auditório Araújo Viana, em Porto Alegre.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

Figura 4 – Plateia do aulão sobre o continente africano no Auditório Araújo Viana, em Porto Alegre.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

2. MINHA EXPERIÊNCIA NO FRONTEIRINHAS

Quando iniciei o trabalho no Fronteiras, tinha dezenove anos e ideia nenhuma sobre a profissão que eu teria. Comecei trabalhando como recepcionista em um Fronteirinhas. Logo recebi uma proposta para auxiliar na Central de Relacionamento, onde basicamente atendia aos clientes do Fronteiras através do e-mail e do telefone. O tempo foi passando e fui recebendo novas atribuições. Antes do Fronteiras, eu não fazia ideia do que gostaria de ser, profissionalmente falando, e fazer parte desse projeto mudou totalmente o meu modo de pensar, principalmente por causa das pessoas. Os colegas de trabalho, os clientes, as professoras, coordenadoras pedagógicas e, claro, os conferencistas.

Desde pequena sempre achei fascinante observar uma tempestade. Lembro da minha irmã mais velha com medo dos trovões, da minha mãe com receio do vento e do meu pai afirmando que Deus estava mudando os móveis de lugar, em tom de brincadeira, logicamente. O céu escuro, pesado, de certa maneira, me trazia calma, mas nunca soube o motivo, apenas sentia, e ainda sinto. Lembro o dia em que

assisti a um filme que mostrava eventos tornádicos, e eu simplesmente me apaixonei por aquilo, tinha em torno de dez anos. Os tornados me fizeram olhar para o planeta Terra com outros olhos, com olhos de curiosidade, espanto, fascínio.

A partir deste dia, eu pesquisava muito sobre esses eventos, como se formavam, onde se formavam, e lembro de ficar triste, sim, triste, quando descobri que eram eventos difíceis de serem observados no Brasil. Logo já ampliei minha pesquisa, passei para os terremotos, descobri as placas tectônicas e os vulcões, e o fascínio só aumentava. O engraçado é que lembro ter visto pouco sobre esses assuntos na escola, lembro só dos mapas (coisa que eu realmente detestava. Sim, a professora de geografia que não curtia mapas, equivalente a um pecado capital).

No final de 2011, o Fronteiras trouxe a bióloga marinha Sylvia Earle para uma conferência, e eu já estava em processo de definir o curso que tentaria no vestibular da UFRGS. No dia da aula preparatória, que acontecia no extinto StudioClio (fechado recentemente), o Francisco de Azeredo (Head de conteúdo no Fronteiras e coordenador-geral no Fronteirinhas), meu colega durante todo o tempo de Fronteiras e hoje, grande amigo, resolveu me apresentar a ela, e disse que eu gostava tanto da Terra quanto ela do mar, na época eu entendia pouco do inglês, mas confio que foi exatamente isso que ele disse, pois ela abriu um largo sorriso e me deu um abraço.

Esse foi um dia bastante importante na definição da minha existência, porque acredito que naquele momento, eu decidi que seria geóloga. Sim, não faz sentido, eu sou professora de geografia, mas calma, o quebra-cabeça se conforma.

Decidindo pela geologia, fui buscar aquelas informações todas que um vestibulando que se preza procura: candidatos por vaga e média do último aprovado no processo seletivo anterior, o peso de cada disciplina e toda aquela “coisa”. Foram três tentativas frustradas, até que eu resolvi abrir a grade curricular da geologia no *site* da UFRGS, tal foi minha surpresa quando eu me deparei com aquelas cadeiras cheias de química, física e matemática e travei ao pensar “se está difícil passar pelo vestibular, imagina cursar isso”, e aí eu recalculei a rota: vou fazer publicidade, as pessoas diziam que combinava comigo, e eu até que me interessei. Já estudando no curso pré-vestibular, com a minha irmã em vias de se formar em Engenharia Cartográfica, doe uma atenção maior para a aula de geografia e ouvi o professor falando sobre como a configuração das cidades excluía a população socialmente vulnerável.

Aquela foi uma baita aula. Nunca gostei das aulas de geografia, mas aquela aula foi sensacional, e a seguinte também. Passado um mês, meio do ano, junho ou julho de 2013, abri a grade curricular da geografia: geologia física, geomorfologia e climatologia. Eu abri a porta do paraíso sem bater, que felicidade, era tudo o que eu gostava (ignorei cartografia, obviamente). Pronto, decidi que vou ser geógrafa. E deu certo, passei na terceira colocação geral, o momento mais feliz da minha vida foi ver meu nome no listão (engraçado, né? Ver o nome nos aprovados do Mestrado não foi tão empolgante, apesar de ter sido a realização de outro importante sonho). Junto da escolha pela geografia, eu também decidi que seria Professora Universitária, doutora em tornados ou algo do tipo. Optei pela licenciatura por indicação de uma amiga da minha irmã, que salientou a questão do mercado de trabalho, seria mais fácil do que o bacharel. Contrariada, fui.

Como eu detestava o prédio da FACED! Nutria verdadeiro pavor daqueles corredores, daquela falta de mato e de cachorros. Eu sentia que estar ali era perder tempo, eu queria as cadeiras do Campus do Vale, queria ir para as saídas de campo, ler todo o Geossistemas e o Para Entender a Terra. Não queria ler sobre Vygotsky e nem Piaget. Mas eu comecei a notar um padrão curioso nos professores do Vale, as aulas de uns eram infinitamente melhores que as de outros. Então eu procurei seus *lattes*. Em agosto de 2014, quando iniciei a graduação, saí do Fronteiras e passei a atuar como bolsista administrativo na secretaria do PPGGeo, mas sempre participava dos eventos do Fronteiras e do Fronteirinhas como recepcionista. Na condição de bolsista, sobrava bastante tempo, então eu fazia as minhas pesquisas “*latteanas*”. Eis que o resultado foi: a maioria esmagadora das aulas que eu mais gostava era ministrada por professores que já haviam atuado no ensino básico. Pronto, vou ser professora de geografia. Viu? Eu disse que tudo se encaixaria.

Se eu fosse um GPS, seria um com defeito. O condutor que me usasse, me jogaria pela janela do carro em movimento. Eu repetiria “recalculando a rota” tantas vezes, que possivelmente travaria, não importando se fosse no meio de uma estrada, de madrugada, a trezentos quilômetros de um posto de combustível.

Foi a partir do sexto semestre que eu aceitei que seria professora, de fato. A disciplina de Currículo e Didática, ministrada pela Professora Sandra Corazza, que infelizmente nos deixou neste plano, mudou a minha forma de enxergar a docência. Lembra? Eu tinha a referência das minhas aulas chatíssimas da escola, e demorei a

me sentir parte da FACED, mas aconteceu. Em 2017, eu retornei ao Fronteiras, e cursava a disciplina da Corazza. Voltei ao Fronteiras, mas com foco total no Fronteirinhas.

Em 2017, o Fronteiras já estava alocado na RBS, empresa. Então havia mais oportunidades de organizar ações para o Fronteirinhas, uma delas foi feita inteiramente por mim e por outra colaboradora do Grupo. Convidamos um grupo de alunos do Colégio Piratini para serem repórteres e analistas do evento sobre sustentabilidade do Fronteirinhas. Os alunos tiveram aulas com jornalistas, fotógrafos e câmeras da RBS para realizar a ação no dia do evento. Chegando o dia, foi um sucesso. Eles se organizaram lindamente, chegaram cedo, fizeram a cobertura do evento, registraram imagens, entrevistaram a Joana, professora convidada, alunos da fila, enfim, foi maravilhoso. O resultado foi um vídeo editado por eles, no formato de uma reportagem. A ideia era promover essa ação em todos os encontros do Fronteirinhas, com outros grupos de alunos, mas infelizmente o projeto não foi continuado. Na figura 5, temos o grupo que participou do treinamento na RBS, aproveitando para turistar um pouco nas dependências da RBS.

Figura 5 – Grupo de estudantes do Colégio Estadual Piratini conhecendo o estúdio de uma das rádios que eles mais ouviam. Porto Alegre/RS.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Paralelo a isso, estava em vias de iniciar o projeto de conclusão de curso, e surgiu a ideia de falar sobre o Fronteirinhas. Já em 2018, eu auxiliava na curadoria dos temas do Fronteirinhas, e sempre fui entusiasta do projeto. Realizei os estágios obrigatórios em 2018 e levei um grupo de alunos em um dos eventos, eles ficaram maravilhados. Primeiro com o fato de estar na UFRGS, segundo com o fascículo e terceiro com o formato, a organização, a iluminação, tudo era diferente da sala de aula, ainda que eles já tivessem falado sobre sustentabilidade e tecnologias em outras oportunidades na escola, durante a aula na sala.

O relato dos alunos me deu ainda mais vontade de falar sobre o Fronteirinhas. De fato, eles pareciam diferentes sob aquela atmosfera. Em sala, eles eram mais apáticos, desanimados, divertidos sempre foram, mas no aulão do Salão de Atos, eles estavam empolgados, essa palavra define bem. Passei a olhar para o Fronteirinhas como pesquisadora, enfim. Encontrei uma série de relatos sobre o projeto, vindos de professores que levaram os alunos. Segue o trecho de uma entrevista realizada com a professora de Filosofia de uma escola municipal, onde a pergunta foi: *A partir dos encontros a escola motivou-se a colocar em prática algum projeto?*

Com as turmas de C20 fomos mais a fundo nos movimentos sociais e resgatamos a postura rebelde dos estudantes de maio de 68, articulando em artes com o Grafitti e criando camisetas e cartazes que colocassem lado a lado as reivindicações daquele grupo e as dos jovens atuais. A partir daí refletimos sobre a situação política hoje na Europa, Oriente Médio e EUA e realizamos painéis e cartazes muito interessantes. O envolvimento dos /as estudantes foi bem intenso e o processo muito rico. Em C10 aproveitamos a questão da bioética para aprofundarmos nossos estudos sobre moral. Assistimos GATTACA e refletimos sobre a própria natureza humana e os limites da Ciência. Os alunos e as alunas tiveram uma participação bem efetiva e recorreram várias vezes ao que tinham visto no Fronteiras.

A professora mostra um bom exemplo de como a ida dos alunos ao Fronteirinhas serviu de complemento ao que viram em sala de aula.

No trabalho de conclusão de curso, também orientado pelo Professor Nelson, abordei o Fronteirinhas sobre a perspectiva da tradução, já que foi a partir disso que o projeto surgiu, para adaptar os conteúdos do Fronteiras à linguagem dos mais jovens, alunos do ensino básico. Prestei consultoria sobre a temática de um fascículo em específico, onde desenvolvi o sumário e curadoria de conteúdos que estariam no livro. Acabei sendo convidada para apresentar os aulões, desta vez em São Paulo. Foram duas aulas, uma na UNIBES, outra, na Livraria Cultura do

Shopping JK Iguatemi, ambas oferecidas para escolas da rede municipal de São Paulo.

Além de toda a estrutura que o Fronteiras oferece aos alunos, também enxergo como uma forma de impulsionar o trabalho docente, já que eu utilizo muito dos fascículos nas minhas aulas, afinal as temáticas têm conexão direta com os conteúdos abordados em diversas disciplinas no âmbito da educação formal, dentro de sala, principalmente a geografia. Ao falarmos de espaço urbano, invariavelmente abordaremos a questão da mobilidade ou falta de mobilidade urbana, planejamento (ou ausência de) urbano, democracia e tolerância, temas que apresentam relação direta com a questão dos refugiados, se me permite utilizar do exemplo do fascículo consultado por mim, desde a movimentação das pessoas (migração) até o preconceito e possível discriminação que enfrentarão ao chegarem em outro país (xenofobia, a falta de tolerância).

Esses são conteúdos privilegiados (BNCC, 2017) para os oitavos e nonos anos do ensino fundamental, onde também trabalho, em que as habilidades específicas são descritas da seguinte maneira:

(EF08GE01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes. (BNCC, 2017, p. 385)

(EF08GE16) Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho. (BNCC, 2017, p. 386)

(EF09GE03) Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças. (BNCC, 2017, p. 389)

Logicamente, depende da intenção de trazer ou não temas para a discussão. Do meu ponto de vista como professora, penso que a partir das habilidades descritas e que, governamentalmente falando, é esperado que trabalhemos em sala de aula com nossos alunos, há uma explícita conexão com os temas dos fascículos citados, assim como os aulões que foram ofertados a partir deles.

Então, com o avanço da globalização e a chegada de novas tecnologias a todo o momento, a necessidade de reinvenção do ensino se torna cada vez mais urgente e impossível de ser negada. E a pergunta que sempre vai e sempre volta é: como? De que forma nós podemos tornar o processo de ensino e aprendizagem mais

aconchegante, mais humano? Para eles e elas, alunos e alunas, mas também para nós, professores/as e futuros/as professores/as?

Oportunidades de aproximação do conteúdo e experimentação de novos métodos de ensino-aprendizagem podem ser vivenciadas através das atividades de extraclasse, que estão garantidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) e no Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014). É com esse intuito que o projeto Fronteiras Educação surgiu, para servir de alternativa ao método tradicional na apresentação de conteúdos e objetos de conhecimento que dizem respeito a todos, mas principalmente como um espaço de diálogo, através de uma prática de ensino e educação extraescolares.

Nunca, como hoje, foi tão urgente uma educação que contribua para a democratização das sociedades, para a diminuição das desigualdades no acesso ao conhecimento e à cultura, para a construção de formas participadas de deliberação. (NÓVOA, p. 51)

Vamos a mais algumas imagens dos eventos e fascículos. A figura 6 mostra a participação da Orquestra Vira-Lata como saudação musical em um dos encontros do Fronteirinhas, ocorrido em 2013. Na figura 7, está a capa do fascículo sobre Justiça, Tolerância e Igualdade. Já na figura 8, a capa do fascículo sobre a questão das fronteiras e refugiados.

Figura 6 – Participação da Orquestra Vira-Lata no Fronteirinhas no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

Figura 7 – Capa do fascículo *Justiça, Tolerância e Igualdade*.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

Figura 8 – Capa do fascículo *Os refugiados e as fronteiras*.



Fonte: Fronteiras do Pensamento.

3. O “COMO”, “QUANDO” E “ONDE” DESTE PROJETO

O desenvolvimento metodológico deste trabalho foi dividido em dois procedimentos: qualitativo, a partir da revisão de literatura relacionada ao objeto, entrevistas e através do meu próprio relato; quantitativo para análise dos dados referentes ao número de acessos aos conteúdos em ambiente virtual.

A partir da pesquisa bibliográfica é possível interpretar diferentes informações e refletir sobre conhecimentos distintos. Esse é um método eficaz e que está por trás de praticamente todo tipo de trabalho científico, pois antes de identificar e compreender, é necessário estabelecer parâmetros para que isso ocorra de maneira satisfatória e comprometida.

A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 66)

Porém, é importante delimitar a procura, já que o tempo para a pesquisa no Mestrado é curto, ainda mais para uma professora que está com mais de cinquenta horas por semana dentro da sala de aula. Para isso, também foi utilizado o método de revisão seletiva:

Em uma revisão seletiva, os estudos que precisam ser visados e revisados são aqueles que à primeira vista se assemelham muito àquele que você começou a pensar em fazer. É provável que você encontre outros estudos que focaram em temas semelhantes ou usaram um método de coleta de dados parecido. Se você escolheu uma escola ou comunidade como sua principal fonte de evidências, você também pode encontrar estudos que usaram fontes semelhantes ou talvez até mesmo as mesmas fontes. Encontrar tal estudo ou estudos não deve desencorajá-lo automaticamente de seu pensamento original. Você deve examinar estes estudos atentamente e verificar se é possível moldar o seu de alguma maneira significativamente diferente. (YIN, 2016, p. 78)

Já o método utilizado para entrevista seguiu o preceito de definição a partir de Antonio Carlos Gil:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 1989, p.109)

O intuito da realização de entrevistas é relacionar as informações coletadas com o conteúdo pertinente obtido na pesquisa bibliográfica.

Por mais incríveis que sejam os dados que possamos coletar, e até mesmo a distinta qualidade das referências que utilizemos, o poder das palavras e da narrativa de alguém que pensou e que viveu a realidade de algo, nesse caso, dentro do Fronteirinhas, se faz necessário e potente para alcançar o objetivo do trabalho de pesquisa, e mais, para oferecer significado. Deste modo, a entrevista foi realizada presencialmente com o Francisco de Azeredo, o Chico, coordenador do Fronteirinhas e Head de conteúdo do Fronteiras do Pensamento, a partir de um questionário com perguntas prontas, mas também com a possibilidade de livre manifestação, conforme será apresentada no decorrer das páginas.

Já a pesquisa quantitativa se caracteriza exatamente por recorrer à linguagem matemática na descrição dos fenômenos e as relações entre variáveis. Nesta pesquisa, a partir do site do Fronteiras, onde foi possível obter o número de acessos ao Fronteirinhas, conforme apontamentos realizados na entrevista.

O ponto de partida deste trabalho foi a minha vivência com o Fronteirinhas, logo, não seria possível descartar a utilização do método autobiográfico, já que a minha trajetória como docente, e também como pesquisadora, atravessa a minha própria história de vida, na verdade, essas trajetórias existem a partir da minha história de vida, do que foi construído, destruído e reconstruído. Dominicé (1988) coloca a relevância das vivências pessoais no desenvolvimento profissional de um educador:

[..] a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida. (DOMINICÉ, 1988, p. 140)

Pensar a respeito das motivações que me levaram à carreira docente, na maioria das vezes, não faz sentido. Explico: como dito anteriormente, nunca me imaginei em uma sala de aula, escrevendo no quadro, fazendo espelho de classe (inclusive, detesto), as (mal)ditas formações pedagógicas, o salário, enfim, veja bem, são muitos pontos negativos a considerar, não é? Sei que são ações cotidianas da profissão, mas a respeito das formações, por exemplo, observo duas realidades: em uma instituição, os professores são meros receptáculos de orientações que devem

ser seguidas, sem qualquer forma de questionamento, e em outra (ainda bem!), as formações se apresentam como oportunidades de reflexão entre os pares, o que realmente vale a pena. Então por que continuo aqui? Por que insisto nisso? A resposta para esses e outros questionamentos que orbitam a minha cabeça é bastante simples, eu gosto e trabalho para o além da sala de aula. O que me motiva na escola é trocar ideias, construir projetos, pensar em maneiras de falar sobre fusos horários ou geopolítica de uma outra forma que não aquela enciclopédica. E o que me possibilitou ter essa percepção foi o Fronteirinhas, já que o meu estágio se resumiu a utilizar do livro didático e do quadro.

Correndo o risco de me tornar repetitiva, mas julgando necessário, reitero a importância das pessoas do Fronteirinhas nesse processo de entendimento do que uma professora pode buscar como possibilidades, de enxergar além do quadro, do pátio e de conseguir construir a minha identidade docente, de olhar o processo e entender que posso fazer parte dele do meu jeito, sem deixar de ser professora por isso. Aproveitando o gancho de citar a importância das pessoas do Fronteirinhas, vamos à transcrição da entrevista com o Chico:

Entrevista realizada em janeiro/24 com Francisco de Azeredo, curador e coordenador do Projeto Fronteiras Educação no período de 2011 a 2022

1. Em qual ano foi criado o projeto Fronteiras do Pensamento? Qual era o objetivo? Quem eram os patrocinadores e parceiros?

A ideação do projeto aconteceu em 2006, e já em 2006 houve um evento de lançamento, mas primeira edição aconteceu em 2007. O projeto surgiu como uma proposta do doutor Cirne Lima, que era então presidente da Copesul Petroquímica, que depois foi adquirida pela Braskem, e ele era uma pessoa muito ligada à cultura, apoiava muitos projetos culturais e ele convidou os criadores do Fronteiras, Pedro Longhi e Fernando Schuler, para uma reunião onde ele propôs que fizessem o maior projeto cultural que já tivesse acontecido em Porto Alegre, e também no Brasil, e foi aí que surgiu a primeira temporada do Fronteiras do Pensamento.

2. O Fronteirinhas surgiu em qual contexto dentro do Fronteiras? Em qual ano aconteceu a primeira edição? Quem eram os patrocinadores e parceiros?

O Fronteiras Educação surgiu como uma provocação da Professora Sandra de Deus, que era então Reitora de Extensão da UFRGS, para que se criasse um projeto dentro do escopo do Fronteiras do Pensamento que trouxesse para dentro da Universidade estudantes da rede pública de ensino fundamental e médio, para que eles tivessem contato com as ideias apresentadas pelos conferencistas do Fronteiras. Inicialmente se pensava trabalhar apenas com Ensino Médio, mas em razão da parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, acabou se ajustando o projeto para que ele tivesse maior aderência do público do Ensino Fundamental.

Uma das lembranças mais significativas que tenho do Fronteirinhas era a do contato com as escolas. Lembre-se, até 2012, não existia pretensão em seguir uma carreira docente, então eu me sentia falando com seres de outro planeta. Era surreal o ruído ao fundo do telefonema (gritos, calçados correndo, risadas, de vez em quando, ouvia um choro), e eu me perguntava: o que levou essa pessoa a escolher essa profissão? Pode rir, é realmente engraçado.

3. Qual era o público-alvo do Fronteiras? E do Fronteirinhas? De que maneira aconteciam as aulas do Fronteirinhas?

O público-alvo do Fronteiras do Pensamento sempre foi pessoas interessadas no contato com grandes ideias dos pensadores do nosso tempo, são pessoas interessas em serem provocadas a pensar, em terem contato com pensadores que criaram conceitos importantes, autores de livros que essas pessoas leram, sempre foi um público, em sua grande maioria, de profissionais estabelecidos com pós-graduação, e no princípio, inclusive, sempre tinha muitas pessoas de mais idade, muitos aposentados, que tinham o Fronteiras como um hábito, e que também já circulavam por outras instituições culturais da cidade, como o Instituto Clio, que não existe mais, o Instituto Ling, a Casamundi, então esse era basicamente o público do

Fronteiras, mas com o passar dos anos, o público foi mudando, tendo um público mais jovem, até porque o Fronteiras também mudou o seu formato, no início se apresentava como um curso de extensão da UFRGS, e depois se tornou um evento cultural, onde a pessoa comprava um pacote de ingressos e podia compartilhar com outras pessoas, e no princípio, não. Essa mudança de curso de extensão para evento cultural aconteceu em 2014. Já o público do Fronteirinhas, eram estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, em uma faixa etária aproximada de 12 a 18 anos, e preferencialmente da rede pública. As aulas aconteciam normalmente em manhãs seguindo datas em que já estávamos no Salão de Atos da UFRGS para as conferências do Fronteiras do Pensamento, que aconteciam à noite, buscando aproveitar muito da estrutura montada para o Fronteiras do Pensamento (luz, telão, cenografia) para então realizar o Fronteiras Educação. As aulas normalmente contavam com um apresentador, que durante muito tempo foi o escritor Fabrício Carpinejar, depois foram outros comunicadores como o Rodrigo Adams, o Potter e o Porã (comunicadores de rádios ouvidas pelo público do Fronteiras Educação), além disso, também estava presente um professor do Fronteiras do Pensamento que fazia uma contextualização e ficava na interlocução com esse apresentador que foi a Joana Bosak (Professora no Departamento de História da UFRGS) por grande parte do tempo e um professor convidado ou dois professores, especialistas na temática da aula, porque no Fronteiras Educação, os temas do Fronteiras do Pensamento, que sempre foi um projeto multidisciplinar, eles eram reapresentados dentro de temas guarda-chuva.

É impressionante como, agora posso falar, eu não me sentia bem nas noites do Fronteiras. Não consigo explicar, talvez fosse a tensão da responsabilidade, mas quando iniciava a desmontagem, era um alívio tremendo, uma sensação de “ufa” bastante honesta. No entanto, mesmo estando sete da manhã no Salão de Atos no dia seguinte para o Fronteirinhas, era incrível. Se dissesse que chegava de bom humor, seria uma grande mentira, já que essa não é uma característica que faz parte de mim (acordar cedo sempre foi difícil, e continua sendo), mas era diferente. Organizar os fascículos, colocar o rádio da produção no ouvido, revisar as listas, tinha uma dinâmica muito diferente do Fronteiras, até repetia o meu “nome” com

gosto, já que era conhecida pelo sobrenome, Marten, pois outra Michele trabalhava na produção, então as pessoas sempre estranhavam ao ouvir o meu nome, que na verdade, era sobrenome, enfim. O Fronteirinhas sempre me fez feliz.

4. Além das aulas realizadas no Salão de Atos da UFRGS, houve outras iniciativas do Fronteirinhas? Como visitas em escolas, doação de materiais, por exemplo.

Sim, houve pelo menos uma aula que foi realizada no auditório Araújo Viana, inclusive com participação do escritor Mia Couto, falando de literatura africana, e também houve edições do Fronteiras Educação que foram realizadas em cidades próximas ao polo petroquímico quando o projeto ainda era patrocinado pela Braskem, então o projeto em determinado momento, se não me engano entre 2018 e 2019, teve uma certa itinerância acontecendo em cidades próximas ao polo petroquímico, onde a Braskem tinha atuação, junto às secretarias municipais de educação das cidades em questão. No princípio do Fronteiras Educação, existia uma pessoa na equipe que fazia visitas às escolas municipais e levava fascículos para fazer doações às bibliotecas, durante algum tempo, fizemos muitas doações, pois além dos fascículos que eram entregues aos participantes das aulas, em torno de 1.300 em cada evento, durante o período em que ocorreram essas visitas (em torno de 3 edições do Fronteirinhas), foram feitas muitas doações, inclusive para escolas que não puderam participar das aulas realizadas no Salão de Atos da UFRGS. Muitos professores acabavam trabalhando os fascículos em sala de aula, conforme relatos que recebemos.

Tive a oportunidade de acompanhar a Amália, responsável pelas visitas nas escolas de 2011 a 2013, em alguns momentos. A atmosfera da escola me intrigava, me sentia pouco à vontade com as professoras e coordenadoras, mas muito bem na companhia das crianças e adolescentes. Acho que eram os olhos curiosos, com certa admiração, as perguntas sem muita relação com o tema me divertiam, mas o interesse deles mexia comigo em todas as ocasiões, muito provavelmente porque essa demonstração provava que o que fazíamos, de fato, expressava um real sentido. E quanto à super aula no Araújo, nossa. Arrepio toda vez que lembro. Foi

uma apoteose, incrível. Tenho certeza de que a simpatia do Mia colaborou muito para o sucesso daquele evento, mas nosso esforço em colocar todos aqueles estudantes dentro do Araújo foi crucial. As professoras felizes na saída, algumas até nos abraçaram, agradeceram, diziam que precisávamos organizar mais eventos como aquele. Um dos eventos que fizemos nas cidades do polo petroquímico foi na cidade de Montenegro. Lembro que foi a primeira vez que gostei de estar em uma escola desde a chegada. Os tijolinhos coloridos, tudo muito organizado, era uma escola municipal bem pequena, com pouco mais de trezentos estudantes, as professoras pareciam felizes em estar ali, e também com a nossa presença. Talvez tenha sido o primeiro friozinho docente na minha barriga.

5. Além de Porto Alegre, o Fronteirinhas aconteceu em outras cidades? Quais?

Cidades que ficavam próximas ao polo petroquímico, como Montenegro e Nova Santa Rita. De 2018 até 2022 (com exceção de 2020 e 2021), aconteceu em São Paulo. Em 2022, meu último ano inteiro ainda como parte da equipe, realizamos aulas na cidade de São Paulo com patrocínio do Shopping Iguatemi, contando com escolas públicas que integravam projetos sociais da empresa Iguatemi, onde levamos os alunos para uma sala de cinema do shopping Iguatemi, para que assistissem às aulas, e nessa edição tivemos um fascículo com foco em literatura, com a escritora Susana Ventura como professora convidada, e um fascículo sobre genética, em parceria com a professora Lygia da Veiga Pereira. Além disso, houve aulas que aconteceram no Instituto dos Arquitetos do Brasil durante um evento público que estava acontecendo em São Paulo. Como era um projeto incentivado através da lei municipal da Cultura, ocorreram essas entregas, com um número maior de estudantes impactados.

6. Quais temáticas foram trabalhadas no Fronteirinhas? Existiu algum estudo sobre componentes curriculares e legislação educacional para compor os fascículos?

As temáticas trabalhadas no Fronteiras Educação sempre partiam de temas que abarcavam ideias apresentadas dentro do Fronteiras do Pensamento,

então em cada fascículo apresentávamos o tema de uma maneira geral e trazia a cada par de páginas, uma nova temática e sempre que possível, linkando com os grandes pensadores de toda a história sobre esse tema, e também trazendo informações e citações sobre palestrantes que passaram pelo Fronteiras do Pensamento. Não, acredito que nunca tenha havido um estudo com relação à legislação e componentes curriculares, até porque era uma produção muito interna e não existia um apoio pedagógico para isso, sempre foi um trabalho nosso de livre produção do conteúdo que fazia parte dos fascículos, acredito que o fascículo que tu trabalhou talvez tenha sido o que mais se aproximou de conteúdos da realidade do ensino formal, por exemplo, pois sempre tivemos muita liberdade para criar os fascículos, tanto que durante muito tempo até nas próprias aulas utilizávamos recortes de filmes, músicas, existia muita liberdade para a própria maneira de como os conteúdos seriam apresentados. Além disso, os fascículos sempre tiveram um trabalho visual muito forte, primeiro com uma empresa que fazia todo o trabalho de ilustrações, de todas as páginas do fascículo, então sempre foi algo mais disruptivo se comparado ao ensino formal.

Nunca esqueço quando vi, pela primeira vez, um fascículo do Fronteiras. À época, não entendi o real impacto daquele material na minha existência, mas lembro de pensar que era incrível. É engraçado como os sentimentos que ficam armazenados em algum cantinho são reinterpretados ao longo da vida, e somente vários anos depois, consigo me dar conta de que tem coisas que não exigem uma explicação pontual e imediata, mas como num quebra-cabeça, fui encaixando as partes para ser quem sou hoje.

7. De que maneira os consultores dos fascículos eram escolhidos? E os professores convidados?

Tanto os consultores quanto os professores eram convidados a partir de indicações. No princípio do projeto, o Francisco Marshall (Professor IFCH/UFRGS) foi uma espécie de consultor acadêmico que auxiliava nessa construção e depois de um tempo, já tínhamos uma rede de contato e de indicações, muitos eram professores da UFRGS até pelo fato de o berço do

projeto ter sido lá, então sempre foi muito focado na rede de contatos que tínhamos. Às vezes tinha um tema muito específico, como por exemplo, neurociência. Lembro que falamos com o professor Carlos Alexandre Netto, Reitor na época, e ele indicou um dos orientandos para que fosse consultor, então nesse ponto, sempre houve muita seriedade na construção e seleção dos conteúdos, com pessoas expoentes em suas respectivas áreas.

8. Acredita que o Fronteiras tenha contribuído diretamente para a formação dos estudantes? E dos professores? De que maneira?

Para os professores, acredito que tenha sido um bom apoio. Lembro de algumas conversas com a Cleci Jurach, quando Secretária de Educação, após o Enem, ela comentou que diversas questões foram abordadas em nossos fascículos, então esse relato também nos faz acreditar que estávamos no caminho certo na escolha dos temas, e também na maneira como foram abordados. Acredito que tenha sido enriquecedora para os alunos toda a experiência do Fronteiras Educação, pois levamos para dentro de uma das mais importantes Universidades do país, estudantes que chegavam ao Salão de Atos no alto do inverno vestindo meia e chinelo de dedo, que possivelmente não tinham condições de adquirir um tênis, já que trabalhávamos com estudantes de comunidades muito vulneráveis, que viviam em zonas de risco da cidade, inclusive houve casos onde uma escola inteira não pode comparecer devido a conflitos do tráfico, então acredito, sim, que exista um componente transformador, primeiro de levar os alunos para dentro da Universidade, o contato com o material que foi muito pensado neles, e trabalhado de uma maneira que se comunicasse melhor com esse público, acredito que isso tenha um impacto muito importante e, claro, o contato com esses grandes pensadores que faziam parte do acervo de grandes conferencistas do Fronteiras do Pensamento e que estavam reunidos nos fascículos, e eram citados nas aulas. Acredito, então, que seria um conjunto de fatores, desde um material muito rico, mas de fácil leitura, visualmente interessante, a qualidade do conteúdo, as referências citadas de conferencistas e a experiência de participar de uma atividade na Universidade.

A descrição que o Chico faz me toca de uma maneira muito intensa. Primeiro porque me transporta para as cenas descritas, e em segundo, porque vejo isso todos os dias. É difícil como educadora perceber as diferenças abismais da realidade de duas instituições de ensino, mas é também sufocante enquanto pessoa que, minimamente, entende sobre como a desigualdade de oportunidades mata, abrevia, ceifa futuros. Do ponto de vista profissional, por mais que eu tente manter a sanidade, entendendo que não posso consertar tudo que há de errado, tem momentos “que a coisa pega”, e não tem como ignorar. Seja a partir do momento em que determinada informação sobre a vida de algum aluno chega até o meu conhecimento, e então compreendo seu comportamento, até ouvir de uma turma que, de vinte alunos, quinze nunca viram o pai, foram criados pela mãe, pela avó, pela tia. Ser professora em uma escola estadual, numa cidade como Alvorada, em um bairro periférico, me transformou em tantas instâncias, que talvez eu nem consiga citá-las em sua integralidade. O fato é que pensar no Fronteiras é uma das cordas que utilizo para tentar escalar o abismo, pois eu já vivi o projeto e sei desse potencial, então quando ouvi a resposta do Chico, viajei no tempo, mas vim parar no presente, porque é exatamente o que eu vejo e vivo nas tardes e noites das minhas semanas.

9. Os fascículos estavam disponíveis na plataforma digital do Fronteiras? Era possível fazer o download desses materiais?

Os fascículos estavam, sim, disponíveis no site do Fronteiras e era possível também realizar o download durante muitos anos. Após 2020, quando o projeto foi adquirido por uma outra empresa, houve uma reformulação no site e esses conteúdos foram retirados.

10. Quantos acessos foram realizados na plataforma para visualizar os fascículos ao longo dos anos? E downloads?

Os dados que tenho são referentes ao quadriênio 2015-2018. Então, de acessos:

2015: 34.676 acessos; **2016:** 38.471 acessos; **2017:** 47.163 acessos; **2018:** 32.187 acessos. E esses números representavam em torno de 5% dos

números totais de acesso ao site do Fronteiras, ou seja, 95% dos acessos eram voltados aos conteúdos relacionados às conferências, como resumos e vídeos curtos com falas pontuais dos palestrantes.

Com relação aos downloads de fascículos, temos:

2015: 1.530; **2016:** 2.743; **2017:** 3.459; **2018:** 1.711.

- 11.** Atualmente, existe alguma pretensão de retomada do Fronteiras em Porto Alegre? Ainda acontece em outros locais do Brasil?

Até o momento da minha saída do projeto, que aconteceu em outubro de 2023, existia a pretensão de realizar uma edição do Fronteiras em Salvador, mas não sei dizer se isso aconteceu. Com relação a Porto Alegre, não existia um planejamento, não sei como está agora.

- 12.** Do ponto de vista de quem trabalhou durante muito tempo com o Fronteiras, acredita que projetos como esse deveriam ser incentivados para que aconteçam de maneira permanente? Como uma política educacional, por exemplo, visando uma complementaridade à escola formal.

Acredito que tudo que traz novas abordagens, que propiciam um olhar diferente para o que já é trabalhado em sala de aula, e que traz, de fato, uma nova experiência de ensino, auxilia muito no processo de aprendizagem. Às vezes a mesma metodologia, a mesma técnica não é o suficiente para atingir todos os estudantes, então acredito que sim, que ações que complementam, que trazem formatos e linguagens diferentes podem facilitar a compreensão dos alunos, e principalmente enriquecer a experiência. Preciso dizer que, enquanto aluno, teria apreciado muito participar de um projeto como o Fronteiras, mesmo enquanto alguém que trabalhava diretamente na produção dos fascículos, aprendi muito, então imagino o quão transformador teria sido o meu processo de aprendizagem escolar.

Mesmo estando ao lado do Chico no dia a dia do Fronteiras por um considerável tempo, já que ao todo, trabalhamos durante sete anos juntos, nunca havia proposto uma conversa tão pontual sobre o projeto, claro que discutíamos o

Fronteirinhas, mas em outro tom, logicamente. Essa entrevista foi providencial para definir o rumo dessas páginas, já que o Chico cumpre um papel de enciclopédia fronteirística, e é interessante perceber que, a bem da verdade, a história do Fronteirinhas não se apresenta em documentos, mas sim através da oralidade.

Creio que a partir da leitura anterior, o leitor ou a leitora consiga ter uma dimensão da importância do Francisco na história do Fronteiras e do Fronteirinhas, assim como no desenvolvimento deste projeto e na construção da minha identidade docente. Além do Chico, a Lu Thomé foi uma grande encorajadora.

Através da edição dos fascículos, a Lu fazia parte da equipe principal do Fronteirinhas, então éramos nós três. Além de editar os textos dos fascículos, ela definia os layouts e disposição das páginas, e também participava muito da curadoria dos temas. No Fronteiras, tinha a difícil missão de escrever os resumos das conferências que ficavam disponíveis no site. A Lu é daquelas pessoas que, assim como o Chico, temos prazer em trabalhar, extremamente criativa, humana e perspicaz.

Lembro do dia em que os dois me chamaram em uma sala de reuniões, ainda na RBS, para falarmos sobre como seria o aulão sobre o fascículo que eu estava consultando. Entrei na sala, e os dois estavam já sentados, com um meio sorriso, ainda assim, desconfiei de nada. O Chico começou dizendo que a ideia era uma aula somente em São Paulo, pois em Porto Alegre seriam apenas dois encontros, a partir de outros temas. Então a Lu disse: “não pensamos em outra pessoa, que não tu, para fazer essa aula”. Minha primeira reação foi de perguntar se realmente tinham certeza, ao que confirmaram no mesmo instante, nem preciso dizer que um sentimento indescritível tomou posse de mim, uma mistura de ansiedade com alegria e medo. Medo de quê? Essa é uma faceta bastante interessante da minha personalidade, que anos de psicoterapia não deram jeito, mas sempre que acordo pela manhã, me visto de jeans e insegurança, é um combo indissociável do meu cotidiano, mas juro que já foi pior.

De toda maneira, o desafio foi lançado, junto de um convite irrecusável, já que meus dois Mestres *Jedi* estavam me convocando, uma simples *padawan*, quem diria! O que sucedeu, já foi descrito nas páginas anteriores, mas acredito que valha a retomada: foram duas aulas incríveis, em espaços bem diferentes (a primeira, no Teatro da UNIBES, figura 8, e a segunda, na Livraria Cultura do JK Iguatemi, figuras 9 e 10). E na segunda, o Chico foi o mediador, uma grande honra, nem preciso

dizer, e foram tão importantes que até hoje reverberam nas minhas escolhas docentes.

Figura 9 – Aulão realizado na UNIBES, em São Paulo.



Fonte: Registro feito pelo Chico/Acervo pessoal da autora.

Figura 10 – Aulão realizado na Livraria Cultura, no shopping JK Iguatemi, em São Paulo, onde o Chico foi o mediador.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

Figura 11 – Outro ângulo do aulão, mostrando o fascículo, realizado na Livraria Cultura, no shopping JK Iguatemi, em São Paulo.



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento.

Seria uma grande falta com a verdade se eu não citasse a decepção de ver um projeto como o Fronteirinhas descontinuado. Para exemplificar esse sentimento, no início de 2023, fui desligada da primeira instituição de ensino onde atuei como professora, então o procedimento consistia em me dirigir até o SINPRO. Qual foi a minha surpresa ao chegar lá e dar de cara com um rosto jovem e sorridente, que exclamou: “sora!”. Confesso que demorou uns poucos segundos para reconhecer aquele sorriso, que já não era mais metálico como há quatro anos. A jovem dona do largo sorriso era a Beatriz (a menina do canto esquerdo na figura 11), que foi minha aluna no estágio, coincidentemente ou não, estudante da turma que trabalhou no projeto que fez a cobertura do Fronteirinhas (quando fizeram o treinamento com alguns profissionais da RBS). Conversamos por alguns minutos, já que eu precisava assinar as documentações no andar de baixo (e tinha hora marcada), e ela me contou que estava cursando psicologia, que tinha gostado muito de ter aula comigo, que ela nunca esqueceu do que aprendeu com o fotógrafo da RBS, e que antes do Fronteirinhas, ela nunca tinha colocado os pés na UFRGS, que inclusive, a escolha pela psicologia foi a partir de um texto que ela leu do Contardo Calligaris (um dos conferencistas do Fronteiras do Pensamento, apresentado também em um fascículo do Fronteirinhas que falava sobre o cérebro humano).

Figura 12 – Grupo de estudantes do Colégio Estadual Piratini que participou do treinamento com os profissionais da RBS, acompanhados pela professora. Porto Alegre/RS.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Quando a Bia terminou de falar, me abraçou e disse que eu precisava descer, já estava na hora. Abracei ela de volta e disse o quanto tinha gostado de revê-la. Desci as escadas, bastante perdida, imersa nas lembranças e pensando em diversos “e se?”: “e se pudéssemos promover mais oportunidades como essa?”, “e se fosse obrigatório existir uma formação à parte da escola?”, “mas como seria para as escolas públicas?”, “e se fizéssemos um coletivo de educadores e educadoras que promovem o acesso ao conhecimento fora da sala de aula?”, “imagina se os meus estudantes do EJA tivessem contato com esses pensadores, são pessoas mais velhas, podem até se interessar mais que os jovens do regular...”. Quanto tive contato com um texto mais recente do Nóvoa, percebi que meus pensamentos imprimiam algum sentido:

“Nada será feito numa lógica centralista de reformas ou por imposição simultânea de mudanças. Tudo surgirá de iniciativas locais, cada uma ao seu ritmo e no seu momento, fruto do envolvimento de professores e da sociedade.” (NÓVOA, p.17)

Enfim, cada degrau era um mar de possibilidades dentro da minha cabeça, imagino como era a minha expressão facial, já que a moça que me aguardava, perguntou se eu estava bem e se precisava de algo, disse para que eu não me preocupasse, pois a recolocação no mercado de trabalho no caso de professores era rápida (na verdade, eu já estava empregada em outra instituição). Assinei a demissão e fui embora, com aqueles vários “e se” pipocando na mente, como se fosse um jogo daqueles *pinball*, acho que fazia até um som parecido.

Mesmo que o Fronteirinhas já não exista em seu formato original, ainda poderíamos utilizar do recurso digital, que seriam os fascículos disponibilizados no site do projeto, mas conforme descrito na entrevista, seguimos sem ter acesso a essa possibilidade, ao menos por enquanto. Analisando o número de acessos e downloads, mesmo sendo uma pequena parcela dos acessos totais, 5% de acordo com o Chico, ainda assim apresenta relevância, principalmente se pensarmos que a maioria dos estudantes tem acesso à internet na palma da sua mão, através dos *smartphones*. Logo, os fascículos disponíveis para o download, seriam possibilidades de ferramentas pedagógicas para o uso tanto na sala de aula, quanto, e principalmente, fora dela.

4. O FRONTEIRINHAS E A GEOGRAFIA

De acordo com Gohn (2014), quando falamos sobre o processo de aprendizagem, dizemos que este “situa-se num plano de horizontes e perspectivas, envolvendo, necessariamente, a questão da educação, da cultura e formação dos indivíduos (e não apenas preparação), das redes de compartilhamento e como se dá o próprio processo de conhecimento.” A partir dessa percepção, podemos definir a educação não formal como parte importante dos processos de formação das pessoas, pois apesar da possibilidade de “encaixar” temas que dizem respeito ao cotidiano aos conteúdos programados no ensino formal (nossos famosos planos de aula), é inegável a necessidade de outro espaço (território?), que não o formal, para a abordagem de temas como cidadania, tolerância, igualdade, justiça e sustentabilidade, por exemplo. Segundo Savater (1998), “para sermos humanos não nos basta ser, precisamos aprender” e, nessa ótica, a educação não formal é apresentada como uma possibilidade, ao mesmo tempo em que não existem classes ou lousas (a identidade da sala de aula), percebemos um ambiente que proporciona uma sensação menos autoritária, onde o estudante pode sentir-se mais à vontade e, conseqüentemente, mais disposto e aberto a ouvir, sentir, falar/expressar:

A educação é vista como algo que se repete, que se reproduz, algo sempre idêntico e imutável. Por mais que se identifique aí uma função comunitária no sentido de inserir os indivíduos num sistema social, predomina a ideia de adaptação passiva a uma realidade cristalizada, isto é, a educação seria sempre a mesma para uma sociedade que é sempre a mesma. (LIBÂNEO, 1992, p. 70).

A fala do autor remete a um ditado bastante recorrente, inclusive nas redes sociais, que diz que não podemos esperar resultados diferentes a partir das mesmas ações. Logo, é urgente pensarmos em uma educação diferente se quisermos cidadãos e cidadãs críticos e ativos em nossa sociedade. A não ser que essa não seja a intenção, já que o que temos presenciado ao longo dos últimos anos, a partir da postura de muitos governantes, parecendo não ter essa vontade e intenção.

Sendo a geografia uma disciplina que explora e expõe diferentes vivências e realidades, é esperado que os educadores possam ir além dos mapas, formas de relevo, biomas, processos erosivos e massas de ar, apesar de eu ser uma entusiasta da “parte física” da geografia, entendo que essa parte forma um todo, e que esse todo será o responsável pela educação, afinal:

Ao priorizar o conceitual no ensino de Geografia, a aprendizagem não se restringe ao conteúdo, busca a reflexão sobre acontecimentos existenciais que não são definidos necessariamente pelas áreas do conhecimento, mas por ações e reações relacionadas à compreensão do espaço geográfico pelo aluno ao tentar formular o conceitual ligando-o ao vivido. Essas ações propiciam oportunidades para mudanças no modo de pensar sobre o mundo ao fazer da contínua busca de perspectivas diferentes a própria dinâmica reflexiva praticada em sala de aula. (REGO; COSTELLA, 2019, p.10)

A partir de Rego e Costella é possível estabelecer uma relação entre o que é realizado no Fronteiras e o ensino de Geografia, visto que as temáticas apresentadas nesse projeto conversam diretamente com a formação do indivíduo através de, na verdade, uma autoformação, como se fossem ofertadas algumas ferramentas, e a partir da escolha do aluno, seriam utilizadas na construção do seu próprio conhecimento, em um processo de desenvolvimento do senso crítico, reflexão e autorreflexão, já que não é possível, e nem deveria ser, ignorar o contexto de vida do indivíduo, pois esse também é parte importante do processo:

O processo educativo realiza o encontro de duas realidades: a liberdade individual, cuja fonte é a vida interior, e as condições externas da vida real, o mundo objetivo da cultura. Apropriando-se dos valores culturais, o indivíduo forma sua vida interior, sua personalidade e com isso pode criar mais cultura. (LIBÂNEO, 1992, p. 73)

Quando olhamos para a cidade a partir da percepção de educadores munidos de geografia, temos um objeto de estudo valioso e complexo, que exprime processos dotados de particularidades que, para muitos de nossos estudantes, passam despercebidos. A relevância do estudo das cidades para o componente da geografia é descrito por Dorfman (2010) da seguinte maneira:

Diferentes momentos na escola infantil, no ensino fundamental, médio, técnico, superior, em instituições das redes públicas e particulares ou fora da escola, convocam a cidade, como objeto geográfico e social, para o exercício de conceitos e processos. (DORFMAN, 2010, p. 9)

Em fevereiro de 2023, iniciei em uma nova instituição de ensino, um colégio diferente de tudo o que conheci ao longo da minha trajetória como estudante e, até o momento, como educadora. Um colégio comunitário, o primeiro do Rio Grande do Sul, que apresenta uma estrutura fora de série, incomparável com o outro lado da cidade ao qual me dirijo nas tardes e noites, agora sou professora também no João XXIII. Qual não foi a minha surpresa ao ser selecionada (lembra daquele *look* diário: jeans e insegurança?) para integrar o grupo docente dessa querida instituição? Árvores para todo o lado, algumas catalogadas como Campus do Vale

(já me sentia em casa), as pessoas passavam por mim e me cumprimentavam com sorrisos, as/os estudantes gostavam de geografia (essa foi a maior surpresa, sendo bastante honesta), projetor em todas as salas, não preenchi uma papelada inútil com o que eu supostamente faria em cada aula do bimestre (até porque o Colégio trabalha com semestre), mas sim, um planejamento enxuto e efetivo, pagamento justo, oportunidade de construir projetos pedagógicas com outras áreas, desenvolver sequências didáticas, eu escrevo a apostila que os estudantes vão consultar ao longo das aulas (e recebo por isso), enfim, desde essa data, vivo uma outra e feliz realidade, que se apresenta também com muitos desafios, mas no João tenho aprendido a contar com os outros, a valorizar a minha docência.

Mas por qual razão menciono o João XXIII aqui? Para que possamos refletir sobre o abismo social que visito diariamente. Se na instituição anterior, eu já percebia uma diferença entre as escolas, imaginem vocês, caras/caros leitoras/leitores, como fica agora. Penso que transitar entre esses extremos diariamente (com a única exceção das quartas-feiras) é bom e importante para manter os pés no chão. Não nego que no início, minha vontade era de ficar só no João, pelo conforto, pelas possibilidades, até que eu percebi que estava me tornando uma professora *Nutella*, sabe? Então me lembrei daquela analogia que fiz quando escrevi meu trabalho de conclusão da graduação: o mal(ben)dito gato. Calma, eu explico:

Para começar a fazer sentido, me deixa contar quem é o gato: eu escolhi chamar de “lugar no mundo”, mas eu acredito que para muitas pessoas também vem a ser o que chamam de consciência. A partir do momento em que nós, estudantes de Geografia (vale a pena ressaltar que falo aqui da Geografia em específico, pois foi a partir dela que o “eu” autor disto tudo foi transcrito), permitimos que o gato dê o seu pulo (bem em cima da gente, de encontro a nossas caras), dói. No sentido literal, a dor viria dos arranhões e mordidas do gato em questão, mas eu acho, na verdade tenho quase certeza, de que a realidade (aquela que nos toca, independentemente da nossa vontade) tende sempre a ser mais cruel (ou crua), não sendo possível sairmos ilesos (apenas com cicatrizes físicas) de um ataque desses. Cometendo a infâmia de citar um clichê, as cicatrizes são bem mais profundas, pois os “arranhões” atingem o nosso íntimo, e permita-me já acrescentar um novo clichê: este é um caminho sem volta, uma vez que quando se dobra o Cabo da Boa Esperança, não há Adamastor que possa competir com a força de uma ideia bem-intencionada. (LIMA, 2019, p. 37)

Que tipo de educadora eu seria, se me acomodasse a falar de geografia apenas em salas com ar-condicionado? Ou trabalhar somente com cópias coloridas? Posso estar muito errada, tudo bem, faz parte, mas a minha consciência (ou lugar de

mundo) me cobra constantemente, inclusive, aquele escrito no muro do Campus do Vale, volta e meia, me vem à mente: “para que(m) serve o teu conhecimento?”. Nem sei se ainda permanece naquela parede, mas na minha cabeça a presença é constante.

Não há educação sem levar em consideração aquilo que o/a estudante conhece. Outro dia (na verdade, noite), estava em sala, conversando com um estudante do segundo ano do ensino médio noturno. Em determinado momento, falamos sobre a matéria de aula, que naquele dia seria crescimento vegetativo, e ele disse, em tom de brincadeira, que já havia aprendido muitas coisas fora da escola em sua vida. Talvez ele esperasse que eu dissesse que aquele era um aprendizado diferente ou que não possuísse tanto valor como o que seria apresentado na aula que estávamos prestes a começar, mas eu concordei com ele, e disse que eu acreditava que nada do que aprendemos invalida outras aprendizagens, que conforme aprendemos novas coisas, podíamos somar e relacionar àquelas que já conhecemos. Ele me olhou com espanto e nada falou, apenas sentou-se.

A sociedade moderna tem uma necessidade inelutável de processos educacionais intencionais - implicando objetivos sócio-políticos explícitos, conteúdos, métodos, lugares e condições específicas de educação, precisamente para possibilitar aos indivíduos a participação consciente, ativa, crítica na vida social global. (LIBÂNEO, 1992, p. 80 e 81)

No trecho anterior estão descritas ferramentas importantíssimas para a des/re/construção de um indivíduo. Para isso, necessitamos de todo e qualquer recurso que possa servir de auxílio, tanto no papel de docente, como no de estudante e também de pesquisador. É sabido que nos falta tempo dentro da sala de aula, talvez até por alguma intenção de limitar nossas ações como educadores, mas a partir disso, podemos contar com iniciativas como a do Fronteiras, que a partir de Libâneo (1992) é descrita como formal, não-convencional, mas com intencionalidade:

Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional seria tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não-convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal. Seriam atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, uma vez que nelas estão presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco escolar propriamente dito. (LIBÂNEO, 1992, p. 81)

Conforme descrito anteriormente, Gohn (2006) apresenta um conceito de educação não formal que tem relação bastante próxima ao que acontece no Fronteirinhas:

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (GOHN, 2006, p. 29 e 30)

Creio que a grande questão dentro do Fronteirinhas seja justamente a intenção. O projeto não foi pensado por uma empresa que buscava garantir lucros exorbitantes em cima da educação dos alunos de escolas privadas, isso com certeza já acontece todos os dias. Acontece quando, na pandemia, por exemplo, milhares de alunos não puderam assistir às aulas remotas por falta de acesso à internet, enquanto alunos de redes privadas contaram com toda a sorte de recursos online disponíveis. Acontece, também, quando, por falta de professores na rede pública, períodos são adiantados, e matérias não são dadas, como aconteceu na escola onde atualmente também trabalho. Os alunos permaneceram sem aulas de geografia por dois bimestres devido à aposentadoria da professora em questão. Foi comunicado às instâncias superiores, que conseguiram disponibilizar essa vaga apenas no meio do mês de julho.

Desde que faço parte do João, como já colocado anteriormente, tenho acesso a recursos que figuravam apenas em meus sonhos, e através disso, consigo colocar em prática algumas das várias ideias que pipocam em minha mente. Um exemplo muito legal, é que temos o seminário de Humanas, que é um evento que ocorre no final do mês de novembro em que a área das Ciências Humanas promove uma semana de debates a partir de temáticas pensadas ao longo de todo o ano, e que envolvem os estudantes desde os anos finais do fundamental até o médio. Não preciso dizer do quão maravilhada fiquei ao saber da existência dessa proposta, e mais, que teríamos verba para contar com a presença de pessoas especialistas para uma troca com os estudantes, professores e demais profissionais.

A partir da escolha de um tema gerador, que nesse ano foi “A cidade e as pessoas” (me senti no Fronteirinhas, já que um fascículo com esse mesmo tema foi desenvolvido há alguns anos), os professores da área e a equipe pedagógica pensam em assuntos e atividades que caibam dentro da ideia geral. Pois bem, a minha contribuição foi sugerir a vinda de um representante do Quilombo Família Lemos, que fica próximo à Instituição, para uma roda de conversa com estudantes, professores e profissionais do Colégio, o que foi prontamente acatado pela equipe pedagógica e financeiro. Estava com sorte, então, além de conseguir levar um representante do Quilombo Família Lemos, “de brinde”, consegui com que a magnífica Professora Cláudia Pires também comparecesse. Foram duas horas de muitas trocas com os que ali estavam presentes, como podemos observar na figura 12, e o início de uma parceria que pode engrandecer muito a construção de um conhecimento sobre cidade (e cidadania), já que o combinado foi de organizarmos uma saída de estudos com os estudantes para que conheçam o Quilombo. Acho que nem preciso dizer que no meu tempo de ensino médio, nunca ouvi falar sobre quilombos, não é?

Ainda, sobre a relevância das cidades no estudo geográfico, a estimada Professora Adriana Dorfman (2010) apresenta justificativas fundamentais:

[...] o estudo do urbano enseja a valorização das vivências prévias dos membros da comunidade escolar, a apropriação de seus lugares através das representações sociais, as ações territorializantes discentes e docentes. O estudo da cidade como um exercício de construção da cidadania é uma ideia motriz [...] o envolvimento com o espaço urbano e vivido é a base para a transformação das cidades em lugares que expressem o desejo de seus moradores, contribuindo para a discussão do direito à cidade, oferecendo aos alunos aspectos científicos e conhecimentos mais aprofundados que lhes permitam posicionar-se e atuar. (DORFMAN, 2010, p. 10)

De que maneira poderemos pensar a respeito da cidade, entender os mecanismos que regem suas estruturas, enxergar-nos parte da (re)construção, se estamos demasiadamente cansados e ocupados com as preocupações de ordem financeira e familiar? É impossível não pensar nos estudantes do EJA quando vou tratar das cidades em alguma aula, e claro, pensei nesses mesmos estudantes quando soube qual seria o tema do Seminário, quando estava junto do Sandro e na oficina sobre racismo ambiental.

Figura 13 – História do Quilombo Família Lemos apresentada por Sandro Lemos e a Prof^a. Cláudia Pires, no último dia do Seminário de Humanas do Colégio João XXIII. Porto Alegre/RS.



Fonte: Registro feito pela Coordenadora Pedagógica da instituição/Acervo pessoal da autora.

Outro exemplo que vale muito a pena ser citado, foi a oportunidade de organizar uma oficina sobre a temática do racismo ambiental, também no João XXIII. Foi uma manhã de sábado muito produtiva, onde pude contar com a presença de estudantes dos sextos anos e também de famílias. Novamente, me senti no Fronteirinhas, mesmo, nesta vez, dentro da sala de aula, era outra atmosfera. Nos organizamos em uma roda e, após assistirmos a um vídeo em que a Amanda Costa, fundadora do coletivo Perifa Sustentável, falava sobre o conceito e apresentava alguns dados, conversamos por um bom tempo sobre como a nossa querida Porto Alegre, apesar de linda, também apresenta muitos problemas estruturais que acarretam em distintas condições de acessos para diferentes populações (neste dia, estava presente o pai de uma estudante muito especial, o Professor Dakir Larara Machado da Silva, doutor em Geografia, e nem preciso dizer o quanto rendeu essa roda de conversa, não é?).

Por mais que os eventos citados tenham acontecido no espaço escolar, a intencionalidade não ia de encontro à formalidade de uma aula comum. O objetivo era o de proporcionar uma troca de saberes e de conhecimentos a partir de uma perspectiva extraclasse, já que a oficina, por exemplo, aconteceu em um sábado e a presença dos estudantes não foi obrigatória. A presença de Sandro Lemos e da Professora Claudia fugia ao normal da rotina escolar, já que a apresentação fazia parte da programação de um evento.

Por alguns instantes, me senti nutrida daquilo que só o Fronteirinhas era capaz. Proporcionar e viver trocas incríveis como essas me fez olhar para aquele céu sem nuvens, e mesmo em um calor que ultrapassava a sensação térmica de 30°C (sou inimiga do verão), me senti realizada. Tão logo caí em mim, e a sensação de impotência dominou o meu coração, já que à tarde, iria para a outra instituição em que trabalho. Os exemplos citados dizem respeito a uma realidade pouco alcançável à maioria da população. Confesso que uma sensação de culpa pairou sobre a minha cabeça nos dias que sucederam o Seminário e a oficina. Chegando ao outro extremo da cidade, no colégio estadual, procurei a coordenação e perguntei sobre a possibilidade de organizarmos uma vivência como aquela, principalmente para os estudantes do EJA. O olhar de decepção do supervisor encontrou o meu de frustração e disse que não existia verba nem para a merenda das turmas de ensino infantil naquele momento.

A leitora e o leitor podem pensar que eu desisti rápido demais, mas não se trata disso. Desistir não é uma opção quando se trata de compromisso, ainda mais quando esse compromisso diz respeito à formação de pessoas, além disso, formação de cidadãos. A realidade é cruel, é dura, é desigual, vejo isso na televisão, leio nos jornais e reportagens, interpreto em mapas temáticos e respiro diariamente. Não tenho como estabelecer uma meta de vida como a de exterminar a desigualdade, mas, enquanto educadora, preciso enxergar além dos recursos que existem até então, mas não posso e, acima de tudo, não devo romantizar a minha profissão, pois isso já aconteceu, e como consequência, recebi três anos de tratamento para uma depressão que me tirou a vontade de viver.

Mas então de que maneira poderia eu, afinal posso falar sobre as minhas percepções, não sobre a de outros, construir uma ponte entre essas duas instituições? Como a educação poderia ser menos desigual, mais equitativa? Se leste até aqui e acompanhaste o meu raciocínio, sabes a minha resposta:

É preciso refazer o contrato social em torno da educação, tendo como referência já não sistemas especializados de ensino fortemente fechados sobre eles mesmos, mas um espaço público da educação que é mais amplo do que o espaço escolar stricto sensu. O novo contrato social tem de reconhecer a importância da capilaridade educativa, isto é, de processos educativos que existem em muitos lugares da sociedade, e não apenas na escola. (NÓVOA, p. 28)

O trecho apresentado anteriormente descreve a necessidade da existência de iniciativas que promovam o acesso à educação. Hoje vivo e descrevo a realidade que enxergo todos os dias, mas que também vi ao longo dos anos em que estive no Fronteirinhas, aquela citada pelo Chico na entrevista (pergunta 8, especificadamente).

Permanecendo na esfera estrutural de uma escola pública, também visualizamos outras diferenças. Os alunos, já do ensino fundamental, de uma escola particular têm acesso a teóricos que dificilmente os alunos do ensino médio da rede pública conhecerão dentro da sala de aula.

A educação não formal e informal, nos espaços educativos, pode oportunizar a aprendizagem de conteúdos da educação formal. Por outro lado, as pessoas não inseridas no processo educativo formal, quando em contato com espaços de educação não formal e informal, têm a possibilidade de ter acesso às informações sobre a ciência e a tecnologia, estando em consonância com o que propõe o relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI que destaca a educação ao longo da vida. (CASCAIS; TERÁN, 2014, p. 6)

Ou seja, esse conhecimento não alcança os interessados no âmbito formal, seja na escola ou na universidade, e como alguém que se propôs a atuar na educação, é mister preocupar-se com uma questão de tamanha relevância como esta: compartilhar conhecimento. Independentemente do local, da forma, do público, somos embaixadores dessa causa, e esse compromisso nos exige que extrapolemos os limites e fronteiras da sala de aula.

O acontecer educativo corresponde à ação e ao resultado de um processo de formação dos sujeitos ao longo das idades para se tornarem adultos, pelo que adquirem capacidades e qualidades humanas para o enfrentamento de exigências postas por determinado contexto social. (LIBÂNEO, 1992, p. 70)

A reflexão anterior reforça o partícipe crucial de um educador nesse processo, já que a educação, como bem sabemos, não cessa no ensino básico, assim como as aprendizagens, a exemplo dos sujeitos adultos, não acontece única e exclusivamente dentro de uma escola, há a urgência de relacionar os diferentes saberes, unindo vivências e conhecimento técnico, seja da Geografia ou de qualquer

outro componente curricular. Dessa forma, junto do contínuo de uma educação extraclasse, a aprendizagem e o ensino determinarão real significado na vida dos estudantes, e arrisco a dizer, também na existência de um professor.

CONSIDERAÇÕES (IM)POSSÍVEIS

“É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente”

Trecho da música Monte Castelo (1989), Legião Urbana

O trecho da canção Monte Castelo, adaptada a partir do poema de Camões e eternizada pela banda Legião Urbana sempre me chamou atenção. A verdade é que cresci ouvindo a banda, mas somente depois de certa idade, passei a interpretar as letras, tão sensíveis e honestas. Costumo brincar que Legião Urbana tem uma música para cada momento da vida, e direcionada a qualquer pessoa, que goste, é claro.

Mas por qual motivo coloco esse trecho no início das minhas (im)possíveis considerações? Até mesmo, por que são considerações impossíveis? Respondo: no decorrer da minha trajetória de vida, muito antes de me tornar uma educadora em eterna (re)construção, sentia e ainda sinto essa dificuldade em me sentir feliz com as minhas escolhas, assim como sinto uma solidão sem explicação, principalmente quando estou em meio a muitas pessoas. Sempre tive essa dificuldade de “encaixe”, uma sensação de estranheza, mesmo entre os mais próximos, sendo da família na qual nasci, e também naquela que escolho, os amigos. Talvez não por acaso, tenha escolhido uma profissão que se apresenta, sim, muito solitária, e talvez por isso eu me sinta tão à vontade quando me envolvo em projetos, afinal, são mais pessoas para dividir opiniões, conceitos, dúvidas, anseios, derrotas, mas também vitórias. Sempre ouvi de colegas mais velhos que os professores não formam uma classe unida, pois existe muita competição, seja pelo destaque em deter conhecimentos específicos ou por ser a preferência dos estudantes, e isso realmente acontece, pois ao longo desses cinco anos de instituições de ensino, vi e vivi isso que descrevo.

Confesso que esse tipo de atitude me causa muita preguiça, talvez se dê ao fato de que, em muitas ocasiões, me sinto despreparada (lembrem o *look* de todo dia, né? Jeans e insegurança), ou talvez seja, a pura e simples falta de entendimento com relação a essas posturas (em tempo, sei que a competição entre colegas de trabalho não é exclusiva de professores), afinal, por que não podemos todos e todas nos ajudarmos? Parece romântico da minha parte, e talvez exagerado, mas não consigo enxergar meus colegas como competidores, isso dificulta até os processos

seletivos dos quais participo, acredite, mas não consigo enxergar de outra forma. O engraçado dessa divagação/conclusão é que a solidão não me causa medo, talvez eu já tenha me acostumado, é uma possibilidade. Ainda sobre essa reflexão, nunca fui uma pessoa que gosta de tocar, muito menos de ser tocada, principalmente por desconhecidos (abraços me causavam um verdadeiro pânico), e eu pensava ser uma característica própria da minha timidez, sou daquelas pessoas que demoram a sentirem-se à vontade, sempre me classifiquei como introvertida à primeira vista, já que após o estreitamento de laços, me sentia segura para demonstrar minhas opiniões, angústias e até mesmo, de compartilhar um abraço. Mas tudo mudou quando me tornei professora dos sextos anos, como esse (o abraço) é um recurso necessário!

Fui tão bem acolhida por esses pequenos seres humanos (ou serumaninhos, como costume chamá-los), que algo em mim mudou permanentemente. Já não encaro abraços com tanta estranheza, assim como não me sinto mais tão sozinha, e em muitas das vezes, me sinto feliz e satisfeita com aquilo que consegui realizar. Os sextos anos foram o ponto de partida para essa mudança, mas na maioria das turmas, me sinto assim, é um sentimento de aconchego indescritível (recomendo trabalhar com os sextos ao menos por determinado período). Mesmo vivendo as desiguais realidades nas duas instituições, o carinho é o mesmo. Em uma mesma semana, recebi uma linda homenagem de um oitavo ano, junto de um convite para conselheira, no colégio estadual; no João, um sétimo ano me entregou uma linda cartinha para me consolar da perda da minha cachorrinha Angelina, que se foi em razão de um câncer.

Seja como professora dentro da sala de aula, como educadora entusiasta da prática não formal (ou formal, não convencional, mas com intencionalidade), ainda como discente e pesquisadora, acredito sempre na educação como força capaz de mudar realidades. Realidades injustas, desiguais e cruéis.

Não há como alterar destinos sem mudarmos posturas e ações. Todos os dias me levanto às cinco e meia da manhã e vou dormir depois das onze da noite, não só para receber meus salários, mas porque acredito. Quando chego até a primeira escola, que é o João XXIII, encontro alunos uniformizados, com a certeza de seu café da manhã tomado, apostilas pensadas e feitas para eles, acesso a profissionais de saúde mental. Nas tardes e noites de segunda a sexta-feira, encontro outros jovens. Estes não possuem uniforme, tampouco livros ou suporte online, em muitos

casos, não tomaram o café da manhã ou almoçaram, inclusive aguardam ansiosamente pelo momento da merenda oferecida pela escola.

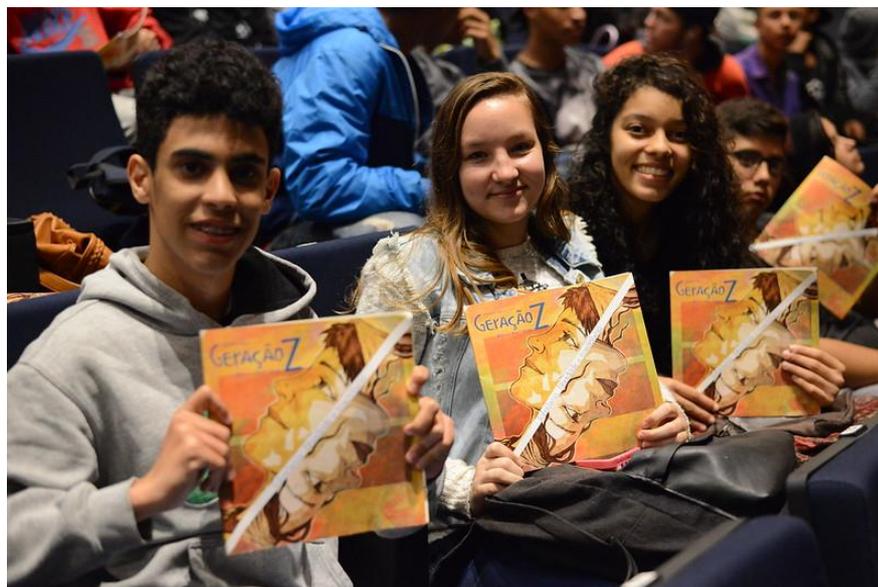
Descrevi duas realidades totalmente distintas, que como professora, encontro todos os dias. E tenho certeza de que tantos outros professores encontram as mesmas e até piores, mas também melhores, condições de seus alunos. Não vou dizer que fracassamos no sistema educacional, porque ainda existe vontade e intenção por parte de muitos, mas quando ouço pessoas que nunca colocaram seus pés dentro de uma sala de aula dizendo que não sei fazer meu trabalho, ou quando vejo no jornal que um Ministro da Educação foi acusado de privilegiar determinada parcela da população com bolsas de estudo em um esquema ilegal, me enfurece. Mas essa fúria não me faz querer largar tudo e desistir, porque eu lembro do que vejo todos os dias dentro da sala de aula, e mais, lembro de tudo o que vivi, aprendi e pude proporcionar aos alunos (meus ou não) enquanto estive no Fronteirinhas.

A vontade de fazer mais, de ir além, é que me move todos os dias e é o que move esse projeto. Para mim não basta acreditar na educação, planejar aulas, ensinar relevo e fazer a chamada, eu quero que os alunos sejam educados e que se eduquem por si. Quero oferecer ferramentas e oportunidades de escolha.

Formação de sujeitos, indivíduos, pessoas, cidadãos. Em um processo que não exclua, mas que incentive a construção da identidade, da valorização da cultura, da compreensão e entendimento das diversas realidades e formas de viver, e sobreviver. Uma educação só cumpre o seu papel a partir do momento em que exprime significado, quando relaciona, conecta e desenvolve.

É a partir de uma educação que preza e reivindica que formaremos cidadãos comprometidos com o seu desenvolvimento, e com a mudança de comportamentos nocivos que não agregam, que não unem, para então uma sociedade que enxergue e celebre as suas diferenças, e participe integralmente do que lhe compete. Todos somos cidadãos e todos temos direitos de participar ativamente das decisões, já que ainda estamos sob um sistema democrático (e lutaremos para que assim seja sempre).

Figura 14 – Alunos mostrando a capa do fascículo sobre Tolerância, Justiça e Igualdade



Fonte: Flickr/Fronteiras do Pensamento

Agora, voltando à razão da impossibilidade das considerações finais, é bastante simples: desenvolver este trabalho me trouxe pouquíssimas certezas e um emaranhado de novas dúvidas. É como abrir uma caixa e encontrar lá dentro um problema sem solução, ou pensar em uma solução que não depende apenas de si mesmo. O interessante é que ao mesmo tempo em que escrevo essas palavras, lembro de uma frase, dita por um Professor durante a graduação: “desconfie de soluções simples frente a um problema complexo”. Se não existem fórmulas mágicas para se trabalhar em uma sala de aula, por qual razão existiriam para se ter alternativas à primeira?

Pensar a educação, é pensar, antes de qualquer outra ideia, nos estudantes e nos educadores. Quando digo educadores, me refiro a todos os profissionais que atuam, direta ou indiretamente no processo educativo. A ideia de comunicação colocada por Nóvoa vai de encontro ao que realmente é a educação, é troca, é partilha, é cidadania. Este último latente e necessário em nossas aulas, falas, projetos, todo e qualquer processo que envolva a geografia, como ciência e como objeto do conhecimento, descrita, ou não, através de habilidades.

Acerca dessas reflexões, uma das certezas que esse trabalho, esse projeto, me trouxe, foi a de que não importa se tenho verba para contratar um palestrante, mas os estudantes do colégio público também ouvirão sobre Ailton Krenak, Bauman, Edgar Morin, Sylvia Earle e Mia Couto, dentre tantos outros, pois é minha escolha

falar, de acordo com o que eu acredito, que sim, que a educação acontece, independentemente da forma, se extraclasse, se formal, se não-formal ou informal, através das trocas.

A maior incerteza que o desenvolvimento desse trabalho me trouxe foi sobre o futuro do Fronteirinhas. Talvez através da publicação desse texto, a história do Fronteirinhas consiga alcançar pessoas que até então não haviam sido alcançadas, e volte a ser um projeto viável, seja por uma empresa, seja pelo próprio governo, quem sabe? Ou talvez um grupo de educadores considere a possibilidade de reconstruir o Fronteiras Educação? Por que não eu posso considerar essa possibilidade? Como eu disse, são muitas dúvidas.

Que eu possa continuar desejando ser outros/as alguém, assim como aqueles/aquelas estudantes que vou encontrar ao longo dessa trajetória de educação. O meu mais sincero desejo é tornar a possibilidade de um projeto como o Fronteirinhas real novamente. No João, falamos muito sobre comunidade, já que se trata de uma escola comunitária, vivemos a docência justamente a partir da lógica do compartilhamento: compartilhamos ideias, já que muitos projetos são desenvolvidos (como o Seminário de Humanas, por exemplo), assim como materiais, anseios, contatos. Isso é possível porque nos é disponibilizado algo inegociável para que tudo aconteça: tempo.

Talvez você que ainda me lê fique um pouco confusa/o, já que a ideia desse trabalho era falar sobre maneiras, experiências, possibilidades de educação que acontecessem fora da sala de aula, no entanto, menciono diversas vezes o que acontece em uma escola. Mas, como registrado nos agradecimentos, as experiências escolares aqui estão presentes por motivos contundentes, pois compreendo que há um mútuo aprendizado entre as vivências educacionais dentro e fora da escola. Por exemplo, o Seminário de Humanas seria um grande Fronteirinhas se acontecesse no Salão de Atos da UFRGS e aberto ao público.

Na verdade, na história do Fronteirinhas, houve um evento dedicado exclusivamente aos professores, evento esse em que, inclusive, aconteceu meu primeiro trabalho no projeto. Penso que, se houvesse a oportunidade de existir um espaço de diálogo entre a produção do Fronteiras Educação e os corpos docentes das escolas (a exemplo da entrevista com uma professora de filosofia apresentada nas páginas anteriores e disponível nos Anexos), surgiriam ideias fenomenais, porque os profes que me leem não de concordar: se tem uma característica típica de

professor, é a criatividade. Inventamos e reinventamos diariamente nossas aulas, inclusive reinventamos a nós mesmos. Na primeira oportunidade, apresentamos um projeto novo à coordenação, enfim, a gente se vira.

Penso que esses elos são primordiais pelo seguinte motivo: uniríamos o melhor de cada mundo. De um lado, temos aqueles que vivem a escola diariamente, de outro, um projeto que começou não com a ideia de substituir a escola, mas sim como uma alternativa para educar em paralelo e em cooperação com a escola, contribuindo para a disseminação do conhecimento e a vontade de saber. A partir da intensificação desse elo, desenvolveríamos um trabalho ainda mais especial e eficaz, tanto nos aulões, quanto nos fascículos.

Acredito nesse trabalho como uma forma de mostrar que existem diferentes formas de proporcionar experiências educacionais significativas. Penso e espero que a minha produção sirva para falar dessas possibilidades de compartilhamento, também na escola, mas principalmente fora dela, levando em conta as diferentes realidades vividas. Para que não só estudantes de colégios da zona sul de Porto Alegre sejam alvo dessas experiências, mas, sim, o maior número de estudantes que pudermos impactar. Como? Construindo projetos inspirados no Fronteirinhas ou agregando práticas ao próprio Fronteirinhas, partindo de trocas, de vivências e de vontades que os educadores do chão da sala (adoro essa expressão) compartilham e acreditam.

Encerro com um convite: você, educadora ou educador que me leu, ou até mesmo um entusiasta da educação, me chama para trocarmos ideias sobre como poderemos fazer isso acontecer?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 jul. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 07 jan. 2021.

CASCAIS, M.G.A.; TERÁN, A.F. **Educação formal, informal e não formal na educação em ciências**. *Ciência em Tela*. v. 7, n. 2, 2014.

DOMINICÉ, P. **O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais**. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

DORFMAN, A. **Ensinando a cidade: reflexões sobre o ensino das questões urbanas**. *Cadernos do Aplicação*. – v.23, n.2, 2010.

Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <[https:// www.fronteiras.com/o-projeto](https://www.fronteiras.com/o-projeto)>. Acesso em: 28 dez. 2020.

Fronteiras Educação – Diálogos com a Geração Z. Disponível em: <[https:// www.fronteiras.com/educacional](https://www.fronteiras.com/educacional)>. Acesso em: 28 dez. 2020.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, M.G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. v. 14, n. 50, 2006. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/694>>. Acesso em: 18 set. 2022.

_____. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. *Investigar em Educação - IIª Série*, Número 1, p. 35-50, 2014.

Instituto SEMESP. **Pesquisa de Graduação e Pós-Graduação (Lato Sensu)**. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Pesquisa-Graduacao-e-Pos-Graduacao-Instituto-Semesp-1.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

LIBÂNEO, J. C. **Os Significados da Educação, Modalidades de Prática Educativa e a Organização do Sistema Educacional**. *Revista Inter Ação*, Goiânia, v. 16, n. 1/2, p. 67–90, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/55234>>. Acesso em: 17 set. 2022.

LIMA, M.M. **A Transcrição das Fronteiras do Ensinar: O Ensino de Geografia sob a ótica da Tradução**. 2019. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

NÓVOA, A. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p.

REGO, N.; COSTELLA, R. Z. **Educação geográfica e ensino de Geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos**. Signos Geográficos. v. 1, 2019. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/signos/article/view/59454>>. Acesso em: 16 set. 2022.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Martins, 1998.

SOUSA, A.S.; OLIVEIRA, G.S.; ALVES, L.H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, 2021. p.64-83.

YIN, R.K. **Como iniciar um estudo investigativo**. In: Pesquisa qualitativa do início ao fim. YIN, Robert K. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 60–88.

ANEXO A – Entrevista realizada em 2013 com a professora de Filosofia e Geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pepita de Leão, localizada na zona norte de Porto Alegre

1. O que motivou a escola a participar dos Diálogos com a Geração Z?

A realização do Fronteiras do Pensamento sempre motivou grande admiração da minha parte, uma vez que temos poucas oportunidades de ouvir e ver ao vivo pessoas que se destacam nos livros que estudamos e marcam nossa formação intelectual, por exemplo, na Filosofia, que é minha área. No entanto, esse evento é muito caro e acabei nunca conseguindo participar. Quando soube da edição para professores/as, prontamente me inscrevi e, podendo possibilitar a participação de meus alunos e alunas, que tem uma carência ainda maior desse tipo de vivência, não hesitei. Infelizmente, em 2010 não pude participar por questões de horário, mas tive acesso ao material levado por minhas colegas e senti um retorno muito positivo dos alunos e alunas. Sendo assim, em 2011, corri para garantir uma participação ainda maior deles e delas.

2. A escola já tinha algum projeto anterior?

Procuro pautar minhas aulas de Filosofia pela questão ética e o respeito às diferenças. Nesse sentido abordamos Platão, Kant, Nietzsche e Foucault, através de filmes como “As melhores coisas do mundo” e outros, discutimos Bullying e Direitos Humanos. Essa foi a base de meu trabalho anterior.

3. A partir do encontro a escola motivou-se a colocar em prática algum projeto?

Com as turmas de C20 fomos mais a fundo nos movimentos sociais e resgatamos a postura rebelde dos estudantes de maio de 68, articulando em artes com o Graffiti e criando camisetas e cartazes que colocassem lado a lado as reivindicações daquele grupo e as dos jovens atuais. A partir daí refletimos sobre a situação política hoje na Europa, Oriente Médio e EUA e realizamos painéis e cartazes muito interessantes. O envolvimento dos /as estudantes foi bem intenso e o processo muito rico. Em C10 aproveitamos a questão da bioética para aprofundarmos nossos estudos sobre moral. Assistimos GATTACA e refletimos sobre a própria natureza humana e os limites da Ciência. Os alunos e as alunas

tiveram uma participação bem efetiva e recorreram várias vezes ao que tinham visto no Fronteiras.

4. Qual foi a receptividade dos alunos?

Conforme descrito acima, muito boa, embora haja uma profunda falta de informação e conhecimento que possibilite o trabalho efetivo a partir dessa receptividade, que também se esvai muito rapidamente.

5. E dos professores?

Avalio que muito boa, pelo menos de minha parte, conforme já exposto também.

6. Avalie ao atendimento quando da inscrição: Ótimo

7. No dia do encontro: Ótimo

8. A organização de um modo geral: Ótima

9. Aspectos positivos e outros a melhorar:

A estrutura é espetacular. É de arrepiar ver aquele salão de atos cheio de jovens da periferia, participando com entusiasmo dos temas apresentados. Nesse sentido a animação do Fabrício é, literalmente, show e ele segura muito bem a onda, que está mais para um tsunami... A inserção de vídeos, músicas e clipes também é uma grande sacada, assim como o material distribuído e o que está disponível na internet: EXCELENTE, tanto do ponto de vista gráfico, da linguagem e do conteúdo. O transporte gratuito é um ponto importantíssimo e os temas abordados foram fundamentais, assim como a postura dos convidados de se movimentarem e interagirem com a plateia. Para contribuir, notei na última edição (Filosofia e Literatura) um certo atropelo. Não é fácil equilibrar a necessidade de atenção do público e o aprofundamento dos assuntos, mas é um desafio que deve permanecer, sob pena de o evento se tornar esvaziado de conteúdo. Entendo que ele serve muito mais como uma sensibilização para que os assuntos sejam aprofundados em aula, mas senti que os palestrantes não conseguiram dar seu recado a contento e que a coisa toda ficou corrida demais, então, sugiro um pouco mais de velocidade moderna nesse quesito, mas sem perder o show!

10. Temas a sugerir: A América Latina em sua história e atual conjuntura; Para onde foi a rebeldia? Violência e sociedade de consumo; Protagonismo juvenil;

Movimentos sociais; Um outro mundo é possível? A miséria e as relações humanas; Ética pra quê? Corrupção política e nas relações; e muitos outros para que essa possibilidade coletiva de reflexão se aprofunde cada vez mais!

11. Comentários Gerais: Muito obrigada e continuem com a iniciativa. Talvez fosse interessante criar-se um fórum de participantes (um representante por região da cidade, por exemplo) para permanente avaliação e contribuição para as demais edições, num diálogo mais próximo e efetivo.